SÉRIE PRINCÍPIOS

Ieda Maria Alves

Professora de Língua Portuguesa na
Universidade de São Paulo

NEOLOGISMO
Criação lexical

2ª edição
3ª impressão

Direção
Benjamin Abdala Junior
Samira Youssef Campedelli
Preparação de texto
Sérgio Roberto Torres
Edição de arte (miolo)
Milton Takeda
Divina Rocha Corte
Composição/Paginação em vídeo
Maria Inês Rodrigues
Eliana Aparecida Fernandes Santos
Capa
Ary Normanha
Antonio Ubirajara Domiencio

EDITORA AFILIADA

IMPRESSÃO E ACABAMENTO
Bartira Gráfica e Editora Ltda.

ISBN 85 08 03617 5

2004

Rua Barão de Iguape, 110 - CEP 01507-900
Caixa Postal 2937 – CEP 01065-970
São Paulo – SP
Tel.: 0XX 11 3346-3000 - Fax: 0XX 11 3277-4146
Internet: http://www.atica.com.br
e-mail: editora@atica.com.br

Sumário

1

Neologia e neologismo

O acervo lexical de todas as línguas vivas se renova. Enquanto algumas palavras deixam de ser utilizadas e tornam-se arcaicas, uma grande quantidade de unidades léxicas é criada pelos falantes de uma comunidade lingüística.

Ao processo de criação lexical dá-se o nome de *neologia*. O elemento resultante, a nova palavra, é denominado *neologismo*.

O neologismo pode ser formado por mecanismos oriundos da própria língua, os processos autóctones, ou por itens léxicos provenientes de outros sistemas lingüísticos. Na língua portuguesa, os dois recursos têm sido amplamente empregados, diacrônica e sincronicamente.

Neologia na língua portuguesa

O estudo da história da língua portuguesa nos revela que o léxico português, basicamente de origem latina, tem ampliado seu acervo por meio de mecanismos oriundos do latim, a derivação e a composição.

Além desses recursos, que utilizam elementos da própria língua, o idioma português tem herdado unidades léxi-

cas de outros sistemas lingüísticos desde o início de sua formação: empréstimos provenientes de contatos íntimos entre a comunidade de fala portuguesa e outros povos (influência celta, fenícia, basca, bárbara, árabe, africana e tupi) e empréstimos culturais, fruto de relações sociais luso-brasileiras com outras sociedades (origem provençal, francesa, espanhola e italiana).

A influência francesa sobre o léxico português manifesta-se desde o século XVIII e foi muito marcante na primeira metade do século XX, tendo desencadeado, como conseqüência, uma atitude reacionária por parte de jornalistas, escritores e gramáticos, conhecidos como "puristas", que se insurgiram contra o emprego de tantos francesismos em nosso idioma.

Contemporaneamente, é sobretudo da língua inglesa que o português tem recebido empréstimos, particularmente abundantes nos domínios técnico e científico.

Sendo a língua um patrimônio de toda uma comunidade lingüística, a todos os membros dessa sociedade é facultado o direito de criatividade léxica. No entanto, é através dos meios de comunicação de massa e de obras literárias que os neologismos recém-criados têm oportunidade de serem conhecidos e, eventualmente, de serem difundidos.

Dentre os literatos brasileiros que têm enriquecido o acervo lexical da variante portuguesa falada no Brasil, podemos citar os poetas simbolistas, o romancista Guimarães Rosa, os poetas Cassiano Ricardo e Carlos Drummond de Andrade ...

A observação sistemática da criatividade lexical já está sendo efetuada em relação ao português do velho continente. Na Universidade Nova de Lisboa, lexicólogos vinculados ao Observatório de Neologismos do Português Contemporâneo, que têm suas atividades coordenadas pela professora Maria Teresa Rijo da Fonseca Lino, vêm estudando as inovações léxicas da língua portuguesa com base em *corpora* jornalísticos.

A respeito do continente africano de fala portuguesa, temos conhecimento dos trabalhos sobre a neologia no português angolano e moçambicano que estão sendo realizados por romanistas da Karl Marx Universität, de Leipzig (Alemanha Oriental), particularmente Annette Endruschat, os quais também se baseiam em dados jornalísticos.

No português brasileiro, o estudo da criação léxica está ainda circunscrito a trabalhos acadêmicos que, sob forma de teses e artigos (cf. ''Bibliografia comentada''), vêm analisando a evolução lexical de nosso sistema lingüístico por meio de *corpora* jornalísticos e literários.

2

Processos neológicos no português contemporâneo

Nas páginas a seguir, são descritos os processos de formação neológica no português brasileiro por meio de exemplos extraídos da imprensa brasileira, considerada desde meados dos anos 70.

A maioria dos neologismos citados concerne, intencionalmente, aos últimos anos da década de 80, a fim de que este trabalho possa refletir a criação lexical tal como ela se processa nos dias contemporâneos. Os exemplos referentes à década de 70 procuram retratar que certos mecanismos morfossintáticos, não incluídos em gramáticas e dicionários, já eram vivazes naquele período.

As unidades léxicas neológicas apresentadas estão todas contextualizadas e seguidas de suas referências: nome do jornal ou revista, data, página e coluna. A indicação da coluna foi omitida somente nos casos em que o contexto ocupa a página inteira. Recolhemos esses neologismos em periódicos e revistas de caráter tanto informativo como de atualidades.

Em três periódicos coletamos o maior número de exemplos: *Folha de S. Paulo* (F)-SP, *O Globo* (Gl)-RJ e *O Estado de S. Paulo* (E)-SP. Esta escolha não foi arbitrária,

pois, sendo esses os jornais brasileiros que atingem o maior número de leitores, os elementos neológicos citados nessas fontes têm a possibilidade de serem lidos por um contingente bastante grande de receptores. Os demais periódicos mencionados circulam também em capitais do país: *Diário de Pernambuco* (DP)-PE, *Jornal do Brasil* (JB)-RJ e *A Tarde* (T)-BA.

Uma parte dos itens lexicais referidos está registrada nas revistas informativas *Isto É/Senhor* (IE) e *Veja* (Ve). Outros exemplos foram colhidos em *Desfile* (De), *Manchete* (Ma) e *Visão* (Vi).

Além dessas abreviaturas referentes a jornais e revistas, servimo-nos de outras formas abreviadas: *cad.* (caderno); *cf.* (conferir); *cap.* (capítulo); *subtít.* (subtítulo); *supl.* (suplemento); *tít.* (título).

Nos jornais e revistas analisados, os elementos neológicos foram buscados nas colunas referentes a assuntos de caráter informativo — política nacional e internacional, colunismo social, reportagens policiais, educação, artes... — e nas linguagens técnicas banalizadas, ou seja, nos vocabulários técnicos dirigidos a não-especialistas e que, com freqüência eventual ou constante (por meio de cadernos especiais), fazem parte de algumas revistas e jornais: esportes, agricultura, informática, turismo...

Como as criações neológicas empregadas nos meios de comunicação de massa brasileiros são muito constantes e de variada natureza, tornou-se necessária a realização de algumas opções. Em razão dessa necessidade, há uma ênfase, intencional, aos mecanismos neológicos que evidenciam mudanças de caráter morfológico ainda não reconhecidas por gramáticos e lexicógrafos da língua portuguesa. Por isso, o item do capítulo 4 referente à prefixação apresenta um grande número de exemplos.

É importante ressaltar que nem todos os prefixos e os sufixos formadores de unidades neológicas estão representados neste trabalho, que visa apenas a revelar os mais produ-

tivos processos de formação de novas palavras no português brasileiro. Assim, os prefixos e os sufixos citados são os que se apresentam como os mais fecundos na produção de novos itens léxicos ou os que manifestam peculiaridades ainda pouco conhecidas. Em relação ao valor semântico, procuramos apresentar a função significativa mais usual de cada elemento afixal. Tampouco retratamos, no capítulo 4, no item referente à composição, todas as possibilidades que esse mecanismo de formação de palavras manifesta na imprensa brasileira de nossos dias.

A necessidade de opção explica também o tratamento desigual atribuído aos processos neológicos: os mecanismos de criatividade lexical mais freqüentes na imprensa brasileira, de acordo com os trabalhos que temos realizado, são os que mereceram mais atenção e foram tratados mais longamente. Conseqüentemente, recursos pouco produtivos, como a neologia fonológica, por exemplo, foram estudados de forma mais superficial.

Em razão da não-existência de bancos de dados lexicais relativos ao português brasileiro, os quais nos possibilitariam verificar as eventuais ocorrências de uma unidade léxica, consideramos como neológicos os itens lexicais não registrados no *Novo dicionário da língua portuguesa*, de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (2. ed., Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1986), que chamaremos de *Novo Aurélio*. Este é, sem dúvida, o mais completo e o mais usado dicionário da língua portuguesa falada no Brasil.

3

Neologismos fonológicos

A neologia essencialmente fonológica supõe a criação de um item léxico cujo significante seja totalmente inédito, isto é, tenha sido criado sem base em nenhuma palavra já existente. Este fato é extremamente raro em todas as línguas. Um exemplo bastante citado de criação inédita, a unidade léxica *gás*, tem sido interpretado como oriundo do étimo grego *khaos*.

Na verdade, não basta que um significante esteja de acordo com o sistema de uma língua para que ele se torne um elemento integrante do léxico desse idioma. É o próprio mecanismo da comunicação que impede a vivacidade da neologia fonológica, a fim de garantir a eficácia da mensagem. A unidade léxica tem caráter neológico à medida que é interpretada pelo receptor. Um significante original, não conforme ao sistema de uma língua, provavelmente não será decodificado e, nesse caso, a comunicação não será efetuada.

Sendo de caráter social, há uma resistência coletiva a toda inovação lingüística, pois a língua constitui um patrimônio comum a todos os falantes de uma comunidade lingüística. Essa afirmação não significa que a língua não evo-

lua ou que não exista criação lingüística: no caso do léxico, a evolução se processa por meio de vários recursos, que serão mostrados nos capítulos seguintes, e que levam em consideração a existência de significantes já criados.

Criação onomatopaica

A criação onomatopaica está calcada em significantes inéditos. Entretanto, sabemos que a formação de palavras onomatopaicas não é totalmente arbitrária, já que ela se baseia numa relação, ainda que imprecisa, entre a unidade léxica criada e certos ruídos ou gritos. A onomatopéia procura reproduzir um som, o que impossibilita que seu significante seja imotivado. Trata-se de um processo bastante produtivo em certas linguagens, como nas histórias em quadrinhos.

Recursos fonológicos

A neologia fonológica constitui um mecanismo de criação de palavras extremamente raro. Alguns recursos fonológicos, no entanto, podem ser usados com o intuito de provocarem alterações no item lexical.

No contexto abaixo, a unidade léxica substantival *tchurma* (< *turma*) recebe transformações ao nível do significante, o que não impede que o leitor a interprete adequadamente:

(1) "A gaúcha Lisiane Winck ficou com a *tchurma* das túnicas brocadas" (Ma, 05-03-88: 52).

Outras variações podem ser causadas no significante, em conseqüência de uma relação analógica. A que motivou a criação do verbo *bebemorar* resulta da associação entre as bases verbais *comer* e *beber*:

(2) "De Vila Isabel a Ipanema, as portas arriadas dos bares não escondiam o burburinho dos freqüentadores que bebemoravam escondidos o dia de voto" (Gl, 16-11-88: 17, c. 6).

A transformação apenas gráfica do significante, outro recurso também empregado, transparece no substantivo *xou* (<*show*), uma das várias formas grafadas com *x* introduzidas nas reportagens e comentários relativos à apresentadora de televisão Xuxa:

(3) "O herói interplanetário vem acompanhado de uma nova turma de desenhos animados e um filme que, desde o início do mês, ocupam a programação de domingo e as manhãs do Xou da Xuxa, de segunda a sábado" (IE, 27-01-88: 3, c. 3).

4

Neologismos sintáticos

Ao contrário dos neologismos fonológicos, os neologismos sintáticos supõem a combinatória de elementos já existentes no sistema lingüístico português.

Classificados em *derivados*, *compostos*, *compostos sintagmáticos* e *compostos formados por siglas* ou *acronímicos*, são denominados sintáticos porque a combinação de seus membros constituintes não está circunscrita exclusivamente ao âmbito lexical (junção de um afixo a uma base), mas concerne também ao nível frásico: o acréscimo de sufixos pode alterar a classe gramatical da palavra-base; a composição tem caráter coordenativo e subordinativo; os integrantes da composição sintagmática e acronímica constituem componentes frásicos com o valor de uma unidade lexical.

Neologismos formados por derivação prefixal

Derivação prefixal

A derivação prefixal é um processo extremamente produtivo no português contemporâneo. Ao unir-se a uma ba-

se, o prefixo exerce a função de acrescentar-lhe variados significados: "grandeza, exagero, oposição, pequenez, repetição...". Como não há unanimidade, na língua portuguesa, quanto ao número e à natureza dos morfemas prefixais, trataremos como prefixos as partículas independentes ou não-independentes que, antepostas a uma palavra-base, atribuem-lhe uma idéia acessória e manifestam-se de maneira recorrente, em formações em série.

Dentre os prefixos de caráter negativo e opositivo, *anti-* e *não-* revelam-se os mais fecundos quanto à formação de novos itens léxicos.

Embora não reconhecido com valor derivacional segundo as gramáticas e os dicionários do português, *não-*[1] prefixa-se a bases substantivas (1 e 2) e adjetivas (3 e 4) a fim de negar-lhes totalmente o significado:

(1) "O Brasilton São Paulo [...] oferece farto café da manhã [...] para hóspedes e não-hóspedes, das sete às onze horas" (E, 21-10-88, supl. de turismo: 4, c. 4);

(2) "A ausência do PMDB e a resistência a Maluf, se ocorrerem, conduzirão à não-sucessão, isto é, ao impasse" (IE, 25-04-84: 15, c. 2);

(3) "Você sabia que o Brasil é líder de venda no mundo de fala não-inglesa?" (Vi, 06-06-77: 50, c. 1);

(4) "Policiais não-violentos aplicam métodos científicos e batem recordes em São Paulo" (subtít). (Ve, 28-09-83: 87, c. 1).

O prefixo *não-* não costuma juntar-se a bases verbais, porém dá origem a vários adjetivos neológicos provenientes de formas participiais:

[1] O caráter prefixal de *não-* é admitido por S. Bueno (*Gramática normativa da língua portuguesa*. 6. ed. São Paulo, Saraiva, 1963, p. 330), que afirma que "muito comumente [a língua] emprega *não*, *sem*, a fim de destruir o sentido afirmativo dos vocábulos". E. Carneiro Ribeiro (*Estudos gramaticais e filológicos*. Salvador, Progresso, 1957, p. 255) também reconhece a função prefixal desempenhada por *não-*.

(5) "Nenhum sindicato do país entra em negociações sem consultar o DIEESE, mesmo os não-filiados, revela Oliveira" (IE, 30-12-87: 34, c. 3).

Muito fecundo contemporaneamente, o prefixo *anti-* denota o valor opositivo de "contrário a alguma coisa ou alguém", ao justapor-se a bases substantivas (comuns e próprias) (6), adjetivas (7), sintagmáticas (8) e acronímicas (9):

(6) "[...] qualificando os trabalhadores como 'o lado da greve' e os dirigentes da Petrobrás como 'a anti-greve'" (Gl, 20-11-88: 46, c. 5);

(7) "Na vida amorosa de Elizabete Taylor, estabilidade é emenda anticonjugal" (tít). (Ma, 23-04-88: 20-1);

(8) "Há um vasto potencial de sentimento chauvinista e anti-gente de cor no país [Estados Unidos]" (F, 26-10-86: 26, c. 6):

(9) "A ofensiva anti-IBOPE de A. Carlos, seja qual for seu desfecho na Justiça, certamente vai intensificar a radicalização da campanha baiana, [...]" (IE, 18-10-86: 32, c. 2).

Embora muito freqüentes, *anti-* e *não-* não manifestam concorrência. Cada um possui um significado bem delimitado, conforme nos revela o contexto abaixo:

(10) "Estes dois se definem como não-sionistas (o que é diferente de anti-sionista). Ou seja, não apóiam a tese central do sionismo (movimento de libertação nacional-judeu surgido no século XIX), de que o Estado de Israel é a pátria de todos os judeus e que estes deveriam emigrar para lá" (F, 30-10-88: A-14, c. 1 e 2).

Menos empregados do que *anti-* e *não-*, outros prefixos dotados de significado negativo e opositivo formam itens lexicais neológicos: *des-*, *sem-*, *in-* e *contra-*.

Des- prefixa-se a bases de natureza substantival (11), adjetival e verbal (12) e manifesta, sobretudo, o valor de "separação" da base a que se associa:

(11) "Surgiu a idéia de 'pluralismo ideológico', a idéia da 'desideologização da ciência'" (E, 22-06-86: 9, c. 1);

(12) ''Algumas pessoas começam a desmalufar, como foi o caso da senadora E. Michels (PDS-AM) [...]'' (F, 08-11-84: 6, c. 2).

Ainda que não reconhecido como morfema prefixal por gramáticos e lexicógrafos da língua portuguesa[2], *sem-* antepõe-se a bases substantivas e tem produzido alguns neologismos substantivos em que é negada totalmente a idéia expressa pela palavra-base:

(13) ''Uma outra preocupação da Pastoral da Moradia e de entidades ligadas aos sem-terra refere-se à falta de condições materiais das administrações regionais'' (F, 19-01-88: C-1, c. 5);

(14) ''O sistema capitalista brasileiro é mais do que selvagem; é de rapina, dispara o padre A. L. Marchioni, o padre Ticão, que dá assistência aos movimentos dos sem-teto da Zona Leste da capital paulista'' (IE, 25-11-87: 60, c. 2 e 3).

Assim, os elementos neológicos derivados com *sem-* significam ''aqueles desprovidos de alguma coisa, como terra, casa ...''.

A função significativa desempenhada por *não-* torna-o muitas vezes substituível por *in-*, que se antepõe a bases nominais e verbais. Esta partícula tem-se associado bastante a bases adjetivais formadas com o sufixo *-vel* e o adjetivo resultante pode coexistir com uma base prefixada por *não-*:

(15) ''[...] além do apoio indescartável antes e depois do pleito, como chefe do Executivo do principal Estado do país'' (F, 28-02-89: A-2, c. 3).

Com algumas bases substantivas, a concorrência também é possível:

(16) ''Indiretamente, a proposta consagra a incoincidência de mandatos'' (E, 12-09-86: 4, c. 1).

Desse modo, *indescartável* e *não-descartável*, *incoincidência* e *não-coincidência* coexistem e expressam o mesmo valor.

---

[2] Cf. nota 1.

Não-, entretanto, manifesta-se com muito mais freqüência do que *in-* e a concorrência cessa porque, com certas bases (de caráter humano, por exemplo), o emprego de *in-* não é aceitável: *não-hóspedes/*inhóspedes...*

O valor expresso pelo prefixo opositivo *contra-* evita uma concorrência com os demais elementos prefixais de caráter opositivo e negativo: a base — nominal ou verbal — associada a *contra-* não indica somente uma "oposição", porém chega a revelar uma "posição paralela e complementar":

(17) "cada parlamentar ou ministro, que apareça com a pasta coalhada de papéis e o ar de quem vai propor um contraplano, cairá na malha fina do novo fiscal do Sarney" (Ve, 08-02-89: 86, c. 1).

Com o valor de "favorecimento" — oposto, portanto, ao dos prefixos já citados —, a partícula de origem adverbial *pró-* exerce função prefixal em várias unidades lexicais neológicas. Bastante freqüente, distribui-se entre bases de diferente natureza mórfica: substantivais (comuns e próprias) (18), adjetivais (18 — *pró-familiar*), sintagmáticas (19) e também acronímicas (20):

(18) "Uma reforma verdadeira significa também um sistema tributário que, por fim, seja pró-familiar, pró-empregos, pró-futuro, pró-Estados Unidos" (E, 06-02-86: 9, c. 3);

(19) "[...] E. Sánchez, ex-preso político e vice-presidente da autodenominada Comissão Pró-Direitos Humanos, onde ele denunciava a situação dos direitos humanos e dos presos políticos em Cuba" (E, 27-09-86: 6, c. 6);

(20) "[...] com os registros de contribuições financeiras do exterior para a entidade e para a Comissão Pró-Cut" (F, 04-08-86: 5, c. 2).

Na imprensa brasileira atual, encontramos comumente elementos neológicos constituídos com prefixos denotadores de "superioridade", "exagero" e "grandeza", como *super-*, *hiper-* e *ultra-*.

Super-, mais usado que os demais, acresce uma "qualidade superior" à base a que se justapõe. Quanto ao aspecto morfológico, a base prefixada por *super-* apresenta caráter substantival (21), algumas vezes verbal (22) e também adjetival (23). Nesse último caso, o prefixo evita o emprego do superlativo absoluto sintético:

(21) " 'Sabíamos que íamos ofender algumas pessoas', diz Byrne, mas o público agora quer um super-herói que geme, transpira e vai ao banheiro" (Ma, 26-03-88: 42, c. 3);

(22) "[...] o estratagema aplicado à luz do sol pelas empresas transnacionais, de superfaturar o que importam delas mesmas [...]" (F, 21-12-86: 2, c. 5);

(23) "A baterista *L. Carmona* passou cinco meses colonizando Nova Iorque, com uma temporada na superelegante Carlyle, [...]" (Ma, 25-06-88: 63, c. 2).

Ainda que freqüente em todos os domínios, o elemento *super-* é sempre encontrado nas mensagens publicitárias, pois contribui para intensificar as qualidades atribuídas a um produto:

(24) "Refrigerador Prosdócimo [...] Congelador amplo. Super-gaveta para carnes" (Gl, 09-10-88: 25);

(25) "A Wellcome está lançando sua super promoção: cinco das mais belas capitais brasileiras por preços Super Especiais" (E, 30-09-88: 14).

Mais do que *super-*, *hiper-* expressa o "excesso", o "exagero". É o que se observa no contexto:

(26) "A influência da linha super, com vocação para hiper, é o maior desafio" (F, 03-11-88: B-2, c. 3),

em que o jornalista comenta a perspectiva de uma crise *hiperinflacionária* ou de uma *hiperinflação*:

(27) "A gravidade da situação econômica brasileira exige providências imediatas, ao menos no que tange à neutralização de uma improvável, mas possível, crise hiperinflacionária imediata" (*base adjetiva*) (F, 13-11-88: B-2, c. 1);

(28) "[...] outros estouros passaram a indicar a perigosa proximidade de uma hiperinflação [...] (*base substantiva*) (Ve, 26-12-88: 44, c. 1 e 2).

A função significativa de "exagero" e de "excesso" também é expressa em unidades léxicas constituídas com *ultra-*, que se prefixa a bases substantivas (29) e adjetivas (30):

(29) "A ultradireita já tem candidato a presidente: Mário Covas, do PSDB" (E, 05-03-88: 1, c. 4);

(30) "Um pequeno grupo de judeus ultra-ortodoxos anunciou a intenção de criar um outro país para seu povo, o 'Estado da Judéia'" (E, 22-01-89: 12, c. 5).

Embora pouco produtivo diacronicamente, segundo atestam os dicionários da língua portuguesa, o prefixo *mega-* tem gerado um grande número de itens léxicos denotadores de "extrema grandeza", como *megacomemoração* e *megacomício*:

(31) "As festas, que se estenderão por todo o ano, especialmente durante o verão europeu, significam apenas uma das fases desta megacomemoração, [...]" (F, 29-12-88: G-11, c. 1);

(32) "Só em novembro de 1984, o megacomício das Diretas-Já, que reuniu cerca de um milhão de pessoas na Candelária, levaria a multidão de volta ao centro da cidade" (Ma, 25-06-88: 22, c. 1),

cujos componentes básicos distribuem-se entre os substantivos.

Com função semântica oposta à de *mega-*, *micro-* e *mini-* atribuem o valor de "pequena dimensão" às bases substantivas a que se prefixam:

(33) "Visando a facilitar a identificação dos mini-foliões e o encaminhamento às suas residências, em caso de perda, [...]" (T, 14-02-88: 3, c. 2);

(34) "*Casinha Pequenina*. Vista para cordilheira. Mini piscina — Mini sauna — Mini restaurante/bar" (F, 17-11-88: G-23, c. 1 e 2).

Denotador de "quantidade", "diversidade", *multi-* antepõe-se a bases nominais e deriva itens léxicos que possuem distribuição adjetival e substantival (35):

(35) "Na onda *revival*, os multiinstrumentistas americanos apresentaram um painel do *rock* ao *country* produzidos nos anos 70, com todo o vigor de quem ainda não envelheceu" (IE, 23-12-87: 92, c. 3).

Os prefixos *pré-* e *pós-*, que indicam "temporalidade anterior e posterior", respectivamente, prefixam-se a diferentes tipos de bases: substantivais (36, 37), adjetivas (38), verbais, sintagmáticas (39) e também acronímicas (40):

(36) "Em países [...] viceja agora o pós-comunismo, sem ter jamais conhecido o comunismo" (Ve, 16-04-86: 42, c. 1);

(37) "O pré-carnaval esteve quentíssimo: dia 10 o Scala Rio abriu seu carnaval com o Baile Garota de Ipanema" (Ma, 27-02-88: 65);

(38) "[...] que, de cerca de 10% do eleitorado nas duas primeiras eleições da era pós-franquista, caiu para minguados 3,8% no pleito de 1982" (Ve, 16-04-86: 43, c. 3);

(39) "Além disso, ao contrário do que vinha sendo divulgado, não houve explosão de preços 'pós acordo de pacto'" (F, 20-11-88: B-2, c. 6);

(40) "Decorre [Síndrome da imunodeficiência adquirida] da infecção de vírus da imunodeficiência humana (HIV), que evolui através do período assintomático, de fase pré-Aids [...]" (E, 27-10-88: 38, c. 1).

O caráter temporal é também expresso pelo elemento *recém-*, que, muito freqüentemente, justapõe-se a bases substantivas, adjetivas e, especialmente, participiais (41), com a finalidade de indicar o "tempo que acaba de passar":

(41) "Esses números, recém-divulgados pelo Inst. de Saúde Mental dos Est. Unidos, vêm causando perplexidade entre os especialistas [...]" (E, 02-11-88: 10, c. 1).

A manifestação do significado "proximidade" revela-se no prefixo *quase-*, ao qual os gramáticos e os lexicógrafos da língua portuguesa raramente atribuem características prefixais[3]. Não é ainda muito produtivo, embora seu empre-

---

[3] E. C. Pereira (*Gramática expositiva*. 13. ed. São Paulo, Nacional, 1958. p. 196) reconhece o caráter prefixal de *quase-*.

go esteja se tornando mais constante nos últimos anos, ao integrar itens lexicais neológicos com bases substantivas (42) e adjetivas:

(42) "[...] do ator C. Vereza, interpretando um quase-suicida num questionamento sobre o que significa o existir, [...]" (Ma, 06-02-88: 76, c. 1).

Em unidades léxicas prefixadas com *semi-*, observamos que as bases substantivas (43), adjetivas (44) e participiais recebem, como *quase-*, o valor semântico de "proximidade". *Semi-*, porém, denota mais explicitamente o seu significado, pois exprime "metade", "parte mediana de alguma coisa":

(43) "O semi-fracasso do último filme não deve abatê-lo, o mesmo valendo para uma candidatura Quayle" (F, 26-08-88: E-4, c. 6);

(44) "Direito de greve restrito, semi-restrito ou irrestrito, o mundo aprendeu a lidar com esses conflitos há muito tempo" (IE, 24-08-88: 29, c. 1).

Além dos morfemas prefixais já mencionados, vários outros também constituem neologismos no português contemporâneo.

Re-, por exemplo, apresenta-se com bastante constância na imprensa brasileira e atribui à palavra-base (de natureza nominal ou verbal), principalmente, o significado de "repetição". Em *auto-*, que também se prefixa a bases dotadas de diferente natureza morfológica, o valor semântico observado é o de "espontaneidade, intencionalidade":

(45) "[...] o dr. R. Mathias explica que originalmente as seringas são esterilizadas através de raios gama, mas em lotes de milhões de unidades, e não eram reesterilizadas, porque derretiam com o calor" (*base participial*) (E, 09-02-89: 11, c. 3);

(46) "O filme retrata a própria condição de Tarkovski. É a auto-escultura do exilado com saudade do passado e da terra natal" (*base substantiva*) (E, 25-01-89, cad. 2: 5, c. 1).

Também com freqüência apresenta-se o prefixo *neo-*, que, anteposto a bases nominais, deriva neologismos denotadores de "novidade", "idéias novas":

(47) "Certamente influenciarão o neo-humor da neopublicidade que começou com o Pes Wes. Novas aventuras" (*bases substantivas*) (F, 17-01-89: E-5, c. 1).

Mudança de função

Costumam afirmar as gramáticas que os elementos prefixais, ao contrário dos sufixais, caracterizam-se pela não-alteração da classe gramatical das bases a que se associam. Entretanto, vários exemplos atestam que um prefixo, unido a uma base substantiva, pode atribuir-lhe função adjetiva e mesmo adverbial.

A função adjetiva é comumente verificada com o prefixo *anti-* seguido de nome substantivo. Este fato foi revelado por Hampeys[4], que, ao trabalhar com um *corpus* constituído por jornais cariocas editados em 1960, citou alguns casos em que o prefixo *anti-*, anteposto a um substantivo, atribui-lhe função adjetiva: "o rebelde anti-Castro", "o candidato anti-Jânio", "luta antipetróleo..." (p. 68-9).

Esse processo manifesta-se com muita produtividade no português contemporâneo e os exemplos são numerosos:

(48) "Os pedestres também vão ficar muito felizes com o carro, ele vem da fábrica de acordo com as normas antipoluição exigidas na Europa" (Vi, 22-11-76: 87);

(49) "[...] suspensão levemente relaxada, mais estável e mais macia, volante de direção e coluna antichoque; [...]" (Ve, 29-06-77: 119, c. 2);

(50) "Já está sendo comercializada por alguns veterinários a primeira coleira anti-pulgas ultra-sonora fabricada no Brasil" (F, 08-01-89: G-11, c. 1).

---

[4] HAMPEYS, Z. Para o estudo da linguagem da imprensa brasileira contemporânea. *Revista Brasileira de Filologia*, *6*: 51-114, 1961.

Como se observa nos contextos (48) e (50), o neologismo formado por substantivo e prefixo *anti-* nem sempre funciona com todas as características adjetivais, pois permanece invariável mesmo quando o substantivo apresenta marcas de pluralidade (48) ou, de maneira contrária, flexiona no plural ainda que o substantivo determinado seja empregado no singular (50). Em alguns casos, contudo, o elemento prefixado por *anti-* acompanha o número do substantivo a que se refere:

(51) "O ministro, importante contato nas operações antidrogas dos EUA na Bolívia, chefia o órgão que dirige a polícia nacional, [...]" (E, 14-12-86: 16, c. 2);

(52) "Um guarda viu as malas, avisou a polícia e, num instante, a rua estava cercada e isolada por duzentos policiais antimotins, [...]" (Ve, 07-05-86: 63, c. 1).

A função adjetival manifestada por *anti-*, seguido de substantivo, está sendo percebida pelos falantes brasileiros, pois, observando-se o contexto:

(53) "Comissão para acordo antiinflação sai terça (tít). A comissão técnica empresarial que vai negociar o acordo antiinflacionário com os trabalhadores [...]" (F, 16-10-88: B-6, c. 1),

pode-se constatar que a alternância entre o substantivo *antiinflação* e o adjetivo *antiinflacionário*, já dicionarizado, é empregada com naturalidade.

Outros prefixos, além de *anti-*, atribuem função adjetival ao substantivo a que se justapõem. Tal fato morfossintático tem ocorrido com os elementos prefixais *extra-*, *inter-*, *pós-*, *pré-*, *pró-* e *sem-*:

(54) "Um acontecimento extrapauta concentra as atenções dos bispos: o agravamento da doença do presidente eleito, T. Neves, [...]" (F, 14-04-85: 16, c. 5);

(55) "Não é só fazer com que o transporte inter-bairros seja mais freqüente e atenda melhor à população, [...]" (Gl, 20-11-88: 22, c. 3);

(56) "Mumunhas e morosidade podem levar o processo à solução pós-carnaval" (Ma, 30-01-88: 101, c. 3);

(57) "Nos comícios pré-plebiscito, [...] ele compareceu, cuidadosamente vestido com sua indumentária de civil, [...]" (IE, 12-10-88: 63, c. 3);
(58) "Manifestação pró-hidrelétrica reúne dez mil em Altamira" (tít.) (F, 21-02-89: C-3);
(59) "Cerca de 400 pessoas foram feridas no confronto entre a Brigada Militar e as 500 famílias sem-terra, [...]" (JB, 13-03-89: 1, c. 6).

A função plenamente adjetiva nem sempre se manifesta nos itens léxicos neológicos formados com os prefixos mencionados. Da mesma maneira que verificamos em relação a *anti-*, pode ou não haver identidade quanto à categoria do número entre um substantivo e o substantivo prefixado por *extra-*, *inter-*, *pós-*, *pré-*, *pró-* e *sem-*. É o que constatamos nos contextos (55), (57), (59) e (60):

(60) "[...] chegando-se ao cúmulo de divulgar notícias pós-pacto, que na realidade não existiram: [...]" (Gl, 13-11,88: 41, c. 1).

Além de valor adjetival, o derivado prefixal cuja base é um substantivo ou um sintagma nominal pode atuar com características adverbiais.

No exemplo abaixo, o prefixo *pré-*, associado a um substantivo, funciona sintaticamente como um sintagma adverbial ao derivar a unidade lexical neológica *pré-atentado*:

(61) "O New York Times, de ontem, pré-atentado, contava outra história, [...]" (F, 03-04-86: 25, c. 6).

A mesma função é desempenhada por *pós-*, ao prefixar-se ao sintagma *anos 60*:

(62) "A canção de protesto brasileiro, pós-anos 60, passa necessariamente pelas favelas cariocas e pela voz do sambista Bezerra da Silva" (IE, 01-06-88: 5, c. 3).

Substantivação de prefixos

Alguns prefixos sofrem um processo de nominalização quando, empregados independentemente de qualquer base,

exercem função substantival. É o que se observa, por exemplo, com os prefixos *super-* e *vice-*:

(63) "Na verdade, o esperado choque entre o desenvolvimento do material de defesa empregado pelos dois supers acabou não acontecendo no golfo de Sirta" (E, 28-03-86: 5, c. 1);

(64) "Ontem ele fez campanha em Santo Amaro e depois participou de um encontro com cerca de trezentos vereadores do partido, incluindo também alguns prefeitos e vices, [...]" (E, 27-08-86: 5, c. 1),

que chegam a receber a marca do plural.

Em alguns contextos, a substantivação é tão plenamente sentida pelo falante, a ponto de o prefixo substantivado — micros e mínis — passar a atuar como base e formar unidades léxicas pelo processo de derivação prefixal:

(65) "Os minicomputadores, responsáveis pelo *début* da indústria nacional de informática do País e pela alavancagem da reserva de mercado, estão com seus dias contados. É o que antecipa o Pres. da Elebra Computadores, M. D. Ripper, que vê nos supermicros e supermínis seus substitutos naturais, [...]" (Gl, 05-12-88: 15, c. 1).

Transferência de significado para prefixos

Comportamento interessante manifestam alguns prefixos. Antepostos a uma base, atribuem-lhe um significado; algum tempo depois, passam a concorrer com tal elemento ao serem empregados isoladamente em função substantiva e com o valor semântico do item léxico ao qual se prefixaram:

(66) "Acordo antiinflação. Uma tentativa de evitar a hiper" (tít.) (F, 06-11-88: B-6);

(67) "[...] outros micros que entrem em contato com o computador adoentado, por via telefônica ou por disquetes piratas, também recebem ordem de copiar o programa invasor" (IE, 17-02-88: 61, c. 1);

(68) "Brandalise: Constituição não discrimina 'múltis'" (tít.) (Gl, 27-11-88: 43, c. 4-6).

Assim, *hiper*, *micros* e *múltis* perderam parcialmente o significado prefixal primitivo e adquiriram a função semântica desempenhada pelos substantivos *hiperinflação*, *microcomputadores* e *multinacionais*, respectivamente, dos quais constituem uma forma reduzida.

Além do emprego substantival e autônomo do prefixo, a transferência de função semântica ocasiona a atuação do elemento prefixal como componente de uma formação composta. Os neologismos substantivais *microcurso* (<*microcomputador* + *curso*) e *teledramaturgia* (<*televisão* + *dramaturgia*), citados como exemplo, têm o significado de "curso para computador" e de "dramaturgia pela televisão", respectivamente:

(69) "Microcurso. Curso para microcomputadores" (tít.) (F, 10-08-88, cad. de informática: G-8, c. 3);

(70) "Adaptação do romance do escritor português Eça de Queiroz, a minissérie em dezesseis capítulos marca um dos melhores momentos da teledramaturgia nacional" (Ve, 28-12-88: 173, c. 2).

Nesses casos, os prefixos *micro-* e *tele-* perderam os primitivos valores de "pequeno" e "ao longe" e passam a funcionar como bases independentes substantivas, integrantes de uma unidade composta.

Oposição entre prefixos

A relação de oposição, revelada por duas partículas prefixais denotadoras de significados opostos, é explorada em alguns contextos (71, 72, 73) ou no mesmo item léxico (74):

(71) "Numa mega-agência ou numa micro, você fica à mercê de um bandejão, [...]" (IE, 19-10-88: 102);

(72) "Se o rendimento da duplicata for pós-fixado ele será atualizado pelos valores da OTN determinados para o mês de janeiro. E para duplicata com rendimento pré-

fixado deve-se utilizar o fator da tablita corresponden-te ao dia do vencimento'' (Gl, 19-01-89: 24, c. 4);

(73) ''[...] mas eu diria que isso não está relacionado com uma subvalorização da ciência, mas talvez até com uma supervalorização da complexidade da ciência'' (F, 04-09-88: C-8, c. 1);

(74) ''[...] a discoteca Studio 54, reconhecido templo dos pré-pós-modernos da década dos 70, teve suas portas novamente fechadas anteontem em Nova York'' (E, 29-01,89, cad. 2: 2, c. 5),

tornando evidente o fato de que o emissor está bem-consciente do valor semântico de cada elemento prefixal.

No contexto em que se manifesta a oposição *super-/sub-*, observamos que o neologismo prefixado por *sub-* — *subvalorização* — apresenta um significado depreciativo, fruto do sema ''posição hierárquica inferior'' que caracteriza o prefixo.

Prefixos e economia discursiva

A produtividade da derivação prefixal no português contemporâneo parece-nos revelar, em muitos casos, um desejo de economia discursiva por parte do falante. Uma frase negativa, expressa por um prefixo, torna-se mais econômica do que uma construção sintática negativa. Assim, a negação lexical permite frases como ''policiais não-violentos'' e ''entidades ligadas aos sem-terra'', ao invés de frases sintaticamente mais complexas do tipo ''policiais que não são violentos'' e ''entidades ligadas a aqueles que não possuem terras''.

É também a procura da economia discursiva que explica, ao que nos parece, o emprego de prefixos seguidos de substantivos e empregados em função adjetiva ou adverbial. Desse modo, as frases ''nos comícios antes do plebiscito'' e ''um acontecimento fora da pauta'' são simplificadas por meio do uso de um prefixo: ''nos comícios pré-ple-

biscito" e "um acontecimento extrapauta". Em termos da gramática gerativa, pode-se dizer que, na estrutura profunda, as frases desprovidas de prefixo são mais complexas e mais longas; na estrutura de superfície, o prefixo torna-as mais econômicas.

Neologismos formados por derivação sufixal

Derivação sufixal

Por meio da derivação sufixal, o sufixo, elemento de caráter não-autônomo e recorrente, atribui à palavra-base a que se associa uma idéia acessória e, com freqüência, altera-lhe a classe gramatical. Na imprensa contemporânea, esse processo tem-se mostrado bastante produtivo.

Sufixos nominais

No âmbito dos sufixos formadores de substantivos e de adjetivos, *-ismo* e *-ista* apresentam-se entre os mais fecundos. *-Ismo* une-se a bases substantivas (1), adjetivas e, mais raramente, distribui-se entre bases verbais (2) e sintagmáticas (3), denotadoras de "personalidades, de idéias e de siglas partidárias". Forma substantivos designativos da "filosofia pregada por tais personalidades (1), tais associações ou doutrinas" (2, 3):

(1) "[...] diz o deputado J. Colagrossi, ex-parceiro do brizolismo e hoje alinhado do PMDB de M. Franco" (<político L. *Brizola*) (Ve, 26-11-86: 65, c. 1);

(2) "Achistas — São os que procedem conforme as normas do achismo, conduta baseada na extrema valorização de caprichos e impressões pessoais não apoiadas pela lógica ou documentação científica" (E, 27-10-88: 38, c. 2);

(3) "O bem de qualquer forma sempre triunfa, mas a revelação de Aguinaldo Silva afasta a possibilidade de que o criminoso seja o principal suspeito do público, o vice-presidente da TCA, M. Aurélio, também ele uma encarnação do mau-caratismo" (IE, 04-01-89: 50, c. 1).

A "adesão à filosofia de uma personalidade, de uma doutrina" — lexicalizada por intermédio de uma base acrescida do sufixo *-ismo* — manifesta-se pela junção de *-ista*, formador de substantivos (4) e adjetivos (5), à mesma base:

(4) "Foi no Rio, entretanto, que a candidata a deputada estadual J. Feghali começou a aparecer com a maior votação para a Assembléia Legislativa, superando todas as correntes tradicionais, chaguistas, moreiristas e brizolistas" (<políticos *Moreira* Franco e L. *Brizola*) (IE, 26-11-86: 53, c. 3)[5];

(5) "As autoridades emitem sinais de angústia porque sabem que estão desarmadas para enfrentar uma nova rodada aceleracionista" (IE, 18-07-88: 37, c. 2 e 3).

Vários sufixos nominais associam-se a bases verbais a fim de formarem substantivos e adjetivos neológicos cujo significado está relacionado com a ação verbal: *-ança*, *-ção* e *-mento* expressam tal ação; *-dor* implica um agente, um responsável por essa ação.

Dentre eles, *-ção* e *-mento* são os que mais freqüentemente constituem substantivos neológicos.

A ação verbal revelada por *-ção* pode implicar — se a base verbal for formada com o sufixo *-izar* — um "processo de expansão em relação ao elemento-base". Em

(6) "Sob dois pretextos — o perigo de 'argentinização da inflação' e 'inexistência de recursos' — propõe-se deixar para mais tarde o problema" (F, 16-04-85: 2, c. 3);

---

[5] A unidade lexical *chaguista* já está dicionarizada no *Novo Aurélio*.

(7) "A emancipação é a única maneira de estancar o processo de favelização da Barra, de preservar sua ecologia e de garantir a ocupação ordenada do bairro" (Ve, 29-06-88: 78, c. 1),

observamos o "aumento da influência argentina no Brasil" e o "desenvolvimento de favelas", respectivamente.

Já o item léxico *concertação*, registrado no contexto

(8) "A frase de Jô Soares reflete a profunda desconfiança existente, no Brasil, nas possibilidades de sucesso de uma concertação na qual os parceiros sociais e o governo abram mão de seus interesses mais imediatos [...]" (E, 09-02-89: 2, c. 1),

indica apenas o "resultado da ação verbal".

Esse mesmo significado é encontrado nos substantivos neológicos derivados em *-mento*, em que a expressão da ação verbal não se faz acompanhar por um mecanismo de expansão. Da mesma maneira que *concertação*, *enxugamento* e *jateamento* exprimem a conseqüência do processo verbal:

(9) "A partir da próxima semana, serão cortados 99 vôos semanais da empresa, num total de 650, medida a ser seguida pelo enxugamento do seu quadro de funcionários" (Ve, 08-02-89: 62, c. 1);

(10) "Ela [areia de Itaipuaçu] é empregada, entre outras atividades, no jateamento para limpeza de cascos de navio, [...]" (Gl, 13-02-89: 8, c. 2).

Em *frevança*, o morfema sufixal *-ança* imprime à base *frevar*, "dançar o frevo", o significado de "prática de uma ação", sem implicar resultado ou expansão de tal ação:

(11) "A decisão do presidente do TJP foi saudada com euforia por todos aqueles que esperavam desde a noite da segunda-feira o momento de cair na frevança numa das áreas mais animadas do Carnaval de rua do Recife, [...])" (DP, 10-02-88: 1, c. 6).

Os neologismos substantivos derivados com o sufixo *-dor* supõem a existência de um agente, animado (12) ou não-animado, responsável pela ação. No contexto

(12) ''Fim de semana inesquecível [...] As crianças vão adorar: passeios a pé ou a cavalo, ordenha de vacas e recreadores só para elas'' (Gl, 16-03-89, cad. de turismo: 8, c. 3),

a unidade lexical *recreador* designa ''alguém praticante da ação de recrear''.

A existência de um agente, praticante da ação, está também implícita no item léxico substantivo *cirandeira*, constituído com *-eiro* e base substantiva:

(13) ''De passagem por Itamaracá, não há quem não se empolgue também com os passos da ciranda, uma dança local — sobretudo quando quem anima a roda é M. Madalena C. do Nascimento, a 'Lia', a mais conhecida cirandeira'' (IE, 30-12-87: 10, c. 3).

Assim, o substantivo *cirandeira* denota um ''personagem responsável pela realização da ciranda''.

O significado de ''modo'' ou ''estado'' lexicaliza-se por meio do sufixo *-idade* e de bases adjetivais, que derivam substantivos como *judaicidade* e *tropicalidade*:

(14) ''Supõe-se que seja a judaicidade, mas o que é judaicidade?'' (JB, 12-02-89, cad. B: 1, c. 2);

(15) ''Foi tudo de improviso e o público se divertiu arlequinamente com a tropicalidade brasileira'' (Gl, 29-01-89, 2º cad: 3, c. 5).

O sufixo *-agem* dá origem a unidades léxicas de natureza substantival, provenientes de bases que se distribuem nessa mesma classe:

(16) ''Em Goiás, capital nacional da 'pistolagem', a encomenda da morte de um sindicalista, um político, um religioso, [...] é feita a um intermediário, único elemento de contato entre a parte mandante e a que aciona o gatilho'' (Gl, 24-12-88: 7, c. 1);

(17) ''Utilizando processos digitais de telecinagem, os produtores de 'E. T., O Extraterrestre' conseguiram um nível de qualidade altíssimo na transposição do filme para vídeo'' (E, 09-11-88, cad. 2: 4, c. 1).

Nesses exemplos, verifica-se que o sufixo *-agem* denota um ''modo de ação'' relativo às bases substantivais *pistola* e *telecine*.

Em relação à classe adjetival, o elemento sufixal *-ano* mostra-se produtivo ao formar adjetivos designativos das ''idéias características de uma personalidade ou de uma instituição'', provenientes de bases substantivas:

(18) ''Se diretrizes nítidas de política econômica não forem adotadas nos próximos 20 a 30 dias, a inflação, segundo estudos feitos na área da Fazenda, retorna aos níveis delfinianos já em julho'' (<ex-ministro *Delfim* Netto) (F, 16-06-85: 5, c. 1).

Difere de *-ista*, cujas formas derivadas implicam a ''adesão às idéias de uma organização, um personagem político...''.

A partir de bases verbais, vários substantivos (19) e adjetivos (20) são constituídos com o sufixo *-vel*, que indica a ''possibilidade da prática de uma ação''. Assim, *selecionáveis* são ''os que podem fazer parte da Seleção Brasileira de Futebol'':

(19) ''Os *selecionáveis* (tít.). Dos dez jogadores relacionados ontem pela primeira vez para a seleção brasileira, sete são crias das divisões inferiores em seus clubes atuais'' (F, 17-01-89: D-2, c. 1);

e *historificável* é o ''fato susceptível de ser provado historicamente'':

(20) ''Para Ratzinger, por mais objetivos que sejam os estudos sobre Jesus, não se pode cultivar nem a ilusão de que ele é plenamente historificável [...]'' (Ve, 16-11-88: 83, c. 2).

Outros sufixos formadores de adjetivos também constituem novas unidades léxicas.

-Ico, por exemplo, deriva adjetivos neológicos denotadores de ''referência'' cujas bases têm caráter substantival:

(21) ''Para isso, Scholem mostra um preciosismo detalhístico inigualável, sustentando a história de sua íntima e constante amizade com Benjamin, [...]'' (E, 05-02-89, cad. 2:12, c. 1).

Sufixos verbais

Dentre os sufixos verbais, *-ar* e *-izar* são os que, com mais freqüência, formam unidades lexicais neológicas cujas bases são constituídas por um nome substantivo.

Além de formar elementos da língua geral (22), o sufixo *-ar* apresenta-se bastante fértil no vocabulário político para, a partir de bases nominais relativas à política ou a políticos, derivar neologismos curiosos, algumas vezes satíricos:

(22) "No centro deste tiroteio, Sarney delegou a Pazzianotto a tarefa de alavancar um entendimento que parte de algumas premissas cruéis mas de *ineludível sensatez*" (IE, 17-12-86: 21, c. 2);

(23) "Nem malufou, nem tancredou: janiou-se" (<políticos P. *Maluf*, *Tancredo* Neves e *Jânio* Quadros) (F, 29-10-84: 2, c. 2);

(24) "Um dos *darlings* de plantão do governador de S. Paulo, Chaves, estava cada vez mais próximo de Mário Covas, até tucanou" (<*tucano*, denominação dos adeptos do partido político PSDB) (F, 04-09-88: 2, c. 6)

Pelos exemplos citados, depreende-se que os verbos derivados em *-ar* denotam a "prática de uma ação relativa à base que lhes deu origem".

Nos itens léxicos derivados com o sufixo *-izar*, observamos que a base nominal seguida do sufixo adquire um "significado factitivo, uma maneira de ser e de agir", como nos exemplos *bulgarizar* e *papalizar*:

(25) "No último ímpeto para 'bulgarizar' a maioria turca, pelo menos 200 civis e soldados foram mortos" (E, 05-01-86: 130, c. 1);

(26) "'João Paulo 2º papalizou a Igreja'. Este neologismo, na boca de um jesuíta, é revelador do sentimento difuso de que há uma centralização e uma personalização, aos olhos de alguns excessos do papado sob K. Wojtyla" (F, 25-08-85: 16, c. 6),

em que se nota uma ''expansão da influência búlgara e papal'', respectivamente.

Sufixo adverbial

Único sufixo de caráter adverbial a formar palavras na língua portuguesa, *-mente* expressa uma intensa produtividade ao juntar-se a bases adjetivas femininas para designar ''modo''. A fertilidade desse mecanismo faz com que os dicionários registrem apenas alguns casos de advérbios constituídos com tal sufixo. No *Novo Aurélio*, encontramos alguns exemplos: *geralmente*, *mormente*...

Contextualizamos abaixo outro exemplo, *civilizadamente*, que não está dicionarizado:

(27) ''O governo se prepara para enfrentar 'civilizadamente' a adesão dos trabalhadores a estes dois dias de paralisação, como informou o ministro da Justiça, Oscar Dias Correa'' (JB, 13-03-89: 3, c. 1).

Concorrência entre sufixos

A manifestação da concorrência sufixal transparece por meio de diferentes sufixos ligados à mesma base. Em alguns casos, os sufixos desempenham uma função aproximada, como *-ano* e *-ista*, que designam, respectivamente, ''próprio de'' e ''adepto de'':

(28) ''Além disso, emissários seus começaram a organizar uma nova série malufiana de documentos contra o deputado'' (Ve, 03-09-86: 41, c. 3);

(29) ''Malufistas jamais atacam Quércia e quercistas jamais atacam Maluf ('A similitude é um inevitável traço de união')'' (E, 02-10-86: 2, c. 2);

já em outros, os sufixos atribuem diferentes matizes às bases, como entre as unidades lexicais substantivas *democracia*, já dicionarizada, e *democratice*, à qual o morfema *-ice* imprime função desvalorativa:

(30) "*Democracia* é a livre escolha do indivíduo, abrangendo um leque de opções: opções políticas, opções sociais, opções econômicas. *Democratice* é a ênfase sobre os direitos e garantias políticas, com descaso pela defesa do indivíduo contra imposições governamentais no plano econômico, cultural e social" (E, 18-09-88: 2, c. 1).

Os elementos neológicos derivados da base adjetiva *emocional*, *emocionalismo* e *emocionalidade*, designam diferentes noções:

(31) "Prefere atribuir isso a um natural emocionalismo na reta final das urnas, mas faz questão de não aceitar as denúncias por considerá-las como coação sobre a Previdência" (IE, 05-11-80: 26, c. 1);

(32) "Para o deputado do PL paulista e empresário Guilherme Domingos, as propostas da esquerda estariam sendo aprovadas porque a Constituinte 'entrou no campo da emocionalidade e abandonou a racionalidade' " (IE, 02-03-88: 38, c. 3).

Emocionalidade expressa um "estado de emoção", enquanto *emocionalismo* concerne a uma "emoção exagerada, erigida em sistema".

A concorrência pode revelar-se não só entre dois neologismos sufixados. Observa-se que alguns substantivos neológicos concorrem com suas respectivas bases, também substantivas, desprovidas de sufixo. Alguns exemplos com o sufixo *-ismo*:

(33) " 'Não se deixem arrastar pelas tentações do sociologismo' (João Paulo II, dirigindo-se a religiosos colombianos, 04/07)" (<*sociologia*) (F, 27-12-86: 5, c. 2);

(34) "Talvez seja prematuro afirmarmos que o fim da greve dos bancários venha dificultar, ou pelo menos adiar, a programação das entidades sindicais tendo em vista a mobilização pelo *grevismo* permanente, [...]" (<*greve*) (E, 06-09-86: 3, c. 3).

Nesses casos, o elemento derivado denota o exagero e, conseqüentemente, a depreciação.

A expressão da pejoratividade

O caráter pejorativo já é característico de certos sufixos, que têm esse valor reconhecido por alguns gramáticos e estudiosos da língua portuguesa. É o que ocorre com *-aço*, *-esco* e *-óide*.

O sufixo *-esco* imprime função pejorativa aos adjetivos que deriva, cujas bases apresentam distribuição substantival:

(35) "Pollack e Axel souberam manter em seus trabalhos o que de melhor a escritura dinamarquesa tem a mostrar: a narrativa fluida, detalhista, ao mesmo tempo dramática e aventuresca, e às vezes de fina ironia" (Ve, 08-02-89: 76, c. 3).

Proveniente da terminologia científica, em que indica uma "forma semelhante a outra", *-óide*, na língua comum, atribui caráter desvalorativo aos adjetivos neológicos, oriundos de bases também adjetivas, a que dá origem:

(36) "Estas economias ricas não encontram a natural extravasão capitalista no Terceiro Mundo, porque este está endividado até o pescoço e, ou, entregue a delírios nacionalistóides como no Brasil" (F, 11-12-88: 15, c. 4).

A partir de bases nominais, o sufixo *-aço* deriva itens léxicos substantivos, em que a grande dimensão adquire contornos exagerados:

(37) "Mas o que deve preocupar a incipiente democracia da Nova República, de agora em diante, não é somente a manutenção contínua da ordem pública contra todos os tipos de badernaços e panelaços em que são mestres os militantes marxistas e populistas, [...]" (E, 21-12-86: 2, c. 3).

Concorre com *-ão*, igualmente provido de valor aumentativo e formador de nomes substantivos (38) e adjetivos cujas categorias de origem são de tipo nominal e verbal:

(38) "Os cursinhos estão abrindo as inscrições para os 'intensivões', que todo ano ajudam a engrossar o exérci-

to de estudantes que assistem em média 12 aulas por dia'' (F, 25-09-88: 10, c. 1);

algumas vezes, sufixam-se à mesma base, como em *pacotaço* e *pacotão*, que designam as ''várias medidas econômicas decretadas pelo governo brasileiro''.

(39) ''O governo acabou tendo de ceder ao diagnóstico e ao receituário do FMI, aviado no pacotaço pelos dois principais assessores do ministro [...]'' (F, 14-12-86: 5, c. 2);

(40) '' 'Lula não cheira a Brizola' é um dos estandartes que o Pacotão, tradicional bloco do carnaval de Brasília, levará para as ruas'' (Gl, 03-02-89: 2, c. 1 e 2).

O caráter satírico manifestado pelo morfema sufixal *-ão* é expresso claramente no contexto:

(41) ''Agora, criada pela irreverência dos jogadores e pela insolência de alguns torcedores ousados, temos a 'Selevascão'. É um gostoso e carnavalesco aumentativo, ou, se preferirem, um novo substantivo formado por derivação sufixal (segundo a vontade dos eruditos) ou por exercício de deboche (segundo a vontade popular)'' (Gl, 23-01-89: 28, c.5),

no qual o jornalista emprega um neologismo criado pelo processo da palavra-valise, oriundo da fusão de *Seleção* e *Vasco* (clube de futebol carioca)[6] e acrescido do sufixo *-ão*.

As características da sátira também se revelam nos sufixos diminutivos. Como resultado da analogia com *chacrete*, ''dançarina que trabalhava com Chacrinha, ex-animador de programas de televisão'', são criadas várias unidades lexicais substantivas com o sufixo *-ete*. *Xuxete* e *malufete*, por exemplo, designam ''moças que atuam, respectivamente, em torno da apresentadora de televisão Xuxa e do político P. Maluf'':

(42) ''A apresentadora [Xuxa] ficou empolgada com as xuxetes que abriram o desfile da Mocidade Independente, [...]'' (Ve, 24-02-88: 79, c. 1);

(43) ''A ocasião ideal, segundo ele, apareceu com o convite ao coquetel no Nacional, onde malufetes e cabos elei-

---

[6] Cf. cap. 7.

torais se confraternizaram com homens de terno [...]'' (E, 06-11-86: 8, c. 4).

O sufixo diminutivo *-eta*, que se associa a bases de caráter nominal, denota igualmente a diminuição irônica, como se observa no substantivo *funareta*:

(44) ''[...] como é o caso, na opinião de Samir Achôa, do último pacote de medidas econômicas, as famosas 'funaretas' '' (E, 30-07-86: 4, c. 6),

derivado do nome do ex-ministro D. Funaro e designativo de ''papéis emitidos pelo governo''.

A pejoração pode ser atribuída, contextualmente, a itens léxicos derivados com sufixos que não possuem, intrinsecamente, uma função desvalorativa. Verificamos esse fenômeno com neologismos adjetivais formados com o sufixo *-ante*, denotador de ''estado'', que, ao derivar *idiotizante*, imprime significado satírico à base verbal *idiotizar*:

(45) ''Estou num daqueles temperamentos que você descreve tão bem quando algum 'imbecil' te ataca com cobranças ideológicas idiotizantes'' (F, 11-12-88: 14, c. 1).

Sufixos característicos da terminologia médica, *-ite* e *-ol* exercem função satírica quando são empregados em outros vocabulários ou na língua geral:

(46) '' 'Não há 'pacotite' no governo' (João Sayad, ministro do Planejamento, em 04-05-86)'' (F, 27-12-86: 5, c. 3);

(47) ''[...] e ainda [...] ter fôlego [G. Karam] para dividir o palco com M. Falabella, no elogiado besteirol 'Sereias da Zona Sul' '' (Gl, 05-12-88, 2º cad: 8, c. 1).

Nesses contextos, *pacotite* e *besteirol* significam ''excesso de pacotes governamentais e de besteiras'', respectivamente. Os dois sufixos derivam substantivos originários da mesma categoria.

Novos sufixos

Novos sufixos têm despontado na imprensa brasileira, com o intuito, sem dúvida, de provocar ironia.

O episódio americano conhecido como Watergate e que envolveu o ex-presidente norte-americano e seus colaboradores, tem ocasionado curiosas formações em português. Falso sufixo, pois corresponde ao substantivo inglês traduzido por "porta", *gate* tem integrado, com função sufixal, unidades léxicas substantivas denotativas de "corrupção e de mau uso do dinheiro público":

(48) "[...] apurar as denúncias de envolvimento do ex-secretário A. Affonso no processo de cassação da empresa de ônibus Mogi das Cruzes, episódio denominado 'mogigate' " (E, 06-11-86: 7, c. 4).

Por analogia com o último elemento — *brás* — de siglas denominativas de empresas brasileiras, é utilizado o interessante neologismo substantival *sanguebrás*, que designa uma "instituição encarregada de fiscalizar o sangue comercializado no Brasil":

(49) "Como sempre, só o tempo dirá quem tem razão. O tempo que, nas palavras do padre Vieira, umas coisas melhora e outras corrompe, [...] Oxalá ele venha a provar que a 'sanguebrás' a tudo melhorará" (F, 11-09-88: 3, c. 6).

Derivação parassintética

As formações neológicas parassintéticas, em que o prefixo e o sufixo juntam-se simultaneamente a uma base nominal, não se apresentam com muita produtividade no português contemporâneo. Nesse processo, é fundamental que os dois afixos incorporem-se ao mesmo tempo à palavra-base.

Assim, no contexto abaixo, o verbo *apalhaçar*, proveniente do substantivo *palhaço*, recebe no momento de criação tanto o prefixo *a-* como o sufixo *-ar*, pois não são atestadas as formas **apalhaço* e **palhaçar*:

(50) "E claro, os jornais nacionais e locais dão-lhes alguns minutos de cobertura e Dukakis e Bush se apalhaçam horrendamente" (F, 03-11-88: 12, c. 1).

Neologismos formados por composição

Na imprensa contemporânea, a formação de palavras pelo mecanismo da composição apresenta-se de maneira bastante fecunda.

O processo da composição implica a justaposição de bases autônomas ou não-autônomas. A unidade léxica composta, que funciona morfológica e semanticamente como um único elemento, não costuma manifestar formas recorrentes, o que a distingue da unidade constituída por derivação. Revela um caráter sintático, subordinativo ou coordenativo.

Composição subordinativa

A subordinação lexical entre elementos compostos supõe uma relação de caráter determinante/determinado, ou determinado/determinante, entre dois componentes de uma unidade léxica. Implica ainda a transposição, para o nível lexical, de outros fenômenos da sintaxe frasal.

A relação subordinativa revela-se entre dois substantivos, em que o primeiro exerce o papel de determinado e o segundo, de determinante. Em outras palavras, a base determinada constitui um elemento genérico, ao qual o determinante acresce uma especificação, característica da classe adjetival. Alguns exemplos:

(1) "Sem grandes nomes notórios a São Clemente mantém-se fiel à sua linha de enredos-denúncias" (JB, 14-02-88, cad. de domingo: 7, c. 1);

(2) "Neologismo do Governo: *Operação Desmonte*, para designar a extinção de órgãos inúteis" (Gl, 30-12-88, 11, c. 1);

(3) "Quarentão, bem conservado, casado, uma filha de dois anos, Álvaro Dias iniciou a carreira como político-galã, [...]" (Ve, 06-08-86: 45, c. 3).

Nesses contextos, os itens léxicos neológicos *enredo-denúncia*, *operação-desmonte* e *político-galã* distribuem-se entre a classe substantival, e os substantivos determinantes *denúncia*, *desmonte* e *galã* desempenham função adjetival. Ao contrário do que declaram as gramáticas, segundo as quais o segundo elemento, o determinante, não flexiona quanto à categoria do número, podemos verificar, no contexto (1), que os dois membros da composição recebem a marca do plural pelo autor do neologismo criado.

A relação de subordinação lexical é também expressa por meio de formações substantivas nas quais o primeiro componente constitui uma base verbal, ao qual se subordina um outro, que desempenha a função sintática de objeto direto:

(4) "A idéia deste dispositivo é ao mesmo tempo engenhosa e simples: uma seringa acionada por um empurra-êmbolo motorizado é carregada de soro fisiológico, [...]" (Ma, 23-04-88: 48, c. 2);

(5) "Lava-louça Maxim's" (Gl, 09-10-88: 21, c. 3).

Constatamos, nesses exemplos, que os substantivos *êmbolo* e *louça* atuam como objeto direto dos verbos aos quais se vinculam.

Nos compostos substantivos constituídos pela justaposição de adjetivo e substantivo, ou vice-versa, verifica-se também um tipo de subordinação lexical, motivada pelo determinante adjetivo, que especifica o substantivo determinado.

A ordem dos elementos determinado e determinante não é fixa, pois o substantivo determinado ora antecede o determinante:

(6) "O controle da pinta-preta em cítricos" (tít.) (E, 15-02-89, supl. agrícola: 20);

ora apresenta-se em segunda posição na relação justapositiva:

(7) "[...] no filme 'Punks', um média-metragem (40 minutos) dirigido por S. Yakhné, 30, e o argentino A. Gleco, [...]" (F, 14-06-85: 56, c. 1).

Um tipo interessante de composição é representado pelos substantivos *cinco-em-um* e *seis-em-um*, criados por analogia com *três-em-um*. Denotam cinco ou seis peças em um único traje e, quanto ao aspecto formativo, resultam de um sintagma adverbial — *em um* — no nível lexical:

(8) "No lugar do três-em-um — o trio eterno —, agora entra o cinco-em-um ou o seis-em-um. O homem moderno e elegante do inverno que vem vai compor a camisa sob um colete, um lenço bufante no pescoço, o paletó longo e ajustadinho e por cima da produção toda uma capa [...]" (F, 14-02-89: E-5, c. 1).

No vocabulário da publicidade relativa a imóveis e a hotelaria, está se generalizando o emprego de compostos em que não se revelam, de maneira explícita, certos componentes. Verificamos, assim, que no contexto

(9) "Um ponto alto em Vila Madalena é a classe de um quatro dormitórios" (E, 05-03-89, cad. de imóveis: 16, c. 1 e 2),

o composto *quatro dormitórios*, que implica "um apartamento com quatro dormitórios", exerce função substantival.

O mesmo fenômeno ocorre no contexto

(10) "O grupo Monte coleciona muitos títulos pioneiros na hotelaria, tendo construído o primeiro cinco estrelas no Nordeste, [...]" (E, 30-09-88, supl. de turismo: 22, c. 1 e 2),

em que *cinco estrelas* supõe um "hotel classificado com cinco estrelas".

Observamos que, nesses compostos integrados por numeral e substantivo, o numeral determinante precede o substantivo determinado e é variável: um *quatro dormitórios*, um *três dormitórios*; um *cinco estrelas*, um *três estrelas*.

A justaposição subordinativa entre substantivos ligados por intermédio de uma preposição, embora não muito freqüente, pode ser exemplificada pelo substantivo *boca-de-urna*, que designa, "numa eleição, a tentativa de influenciar eleitores no momento do voto":

(11) "Para ele, a proibição do trabalho de boca-de-urna 'vai prejudicar todos os partidos, que não esperavam medidas tão drásticas'" (E, 06-11-86: 7, c. 2).

Composição coordenativa

A função sintática de coordenação é exercida pela justaposição de substantivos, adjetivos ou membros de outra classe gramatical. Processa-se sempre entre bases que possuem a mesma distribuição.

Com muita freqüência, são criados neologismos adjetivais cujas bases pertencem à mesma categoria:

(12) "Transferido na quarta-feira, 17, da Brigada Militar de Quaraí para Livramento, Lemos aguarda o juiz decidir se seu 'tiroteio lírico humorístico' — a definição é do próprio advogado — será considerado uma tentativa de homicídio [...]" (IE, 24-02-88: 43, c. 3);

(13) "Suas improvisações são fascinantes, algumas marcadas por explorações rítmico-harmônicas complexas e certas liberdades com o fraseado, [...]" (Gl, 24-12-88, 2º cad: 5, c. 5).

Tal tipo de formação apresenta comumente a justaposição de elementos gentílicos:

(14) "Em fevereiro de 1989, o rei Hussein e Arafat haviam concordado com o princípio de enviar uma delegação jordaniano-palestina às conversações com os israelenses" (IE, 10-08-88: 78, c. 3, e 79, c. 1);

(15) "A justiça civil argentina absolveu ontem o tenente da Marinha A. Astiz das acusações de ter participado do seqüestro e desaparecimento, em 1977, da jovem sueco-argentina D. Hagelin" (E, 06-12-86: 7, c. 2).

Observa-se que, nessas unidades léxicas formadas por adjetivos justapostos, o primeiro membro da justaposição mantém a formação erudita e apresenta-se invariável, sob a forma do tema em *-o*. Nem sempre, contudo, essa invariabilidade canônica é conservada:

(16) "[...] O PMDB iniciou ontem, no Palácio das Convenções do Anhembi, a sua convenção extraordinária convocada para debater as políticas públicas, mudança na legislação partidária-eleitoral, constituinte e a avaliação do governo Montoro" (F, 05-05-85: 14, c. 1).

De maneira análoga à coordenação adjetiva, dois ou mais substantivos, justapostos e coordenados, formam um novo item léxico substantival. Alguns exemplos:

(17) "No outono-inverno, o grande charme para os pés é a coleção de sapatos que a Azaléia desenhou especialmente para a mulher brasileira" (De, 05-83: 179);

(18) "Quem não sabia era o telespectador-eleitor-contribuinte" (Ve, 26-11-86: 37, c. 1).

Os componentes adjetivais e substantivais citados, justapostos e coordenados, não manifestam relação de subordinação do tipo determinado/determinante. As bases que compõem a nova unidade lexical desempenham a mesma função que a do elemento recém-formado e associam-se copulativamente a fim de formarem esse neologismo.

Dois substantivos coordenados distribuem-se algumas vezes entre os adjetivos, ao desempenharem, contextualmente, papel adjetival, fato que evita o emprego de um sintagma preposicional:

(19) "[...] falou através da rádio rebelde 'Venceremos', manifestando a esperança de que seja reiniciado o diálogo governo-guerrilha" (F, 10-04-85: 14, c. 4);

(20) "Só fico irritada quando percebo que a mulher quer ultrapassar a fronteira da relação ídolo-fã ou coisa parecida, [...]" (E, 02-11-88: 15, c. 3);

(21) "Moda e negócios foram o *menu* do café da manhã realizado ontem, no Hotel Copa D'Or, quando o grupo Rio-idéia lançou em vídeo conduzido pela jornalista C. Franco sua coleção outono-inverno 89" (Gl, 26-01-89: 30, c. 6).

Nesses compostos, estão implícitos os sintagmas preposicionais "entre governo e guerrilha", "entre ídolo e fã" e "para outono e inverno", respectivamente.

Função adjetival exercem outros tipos de compostos em certas situações:

(22) "A Mesa do Senado lançou ontem uma 'operação caça-fantasma', contra os funcionários da Casa que não trabalham" (E, 22-02-89: 4, c. 1).

(23) "Rio — já tem cara, e muito familiar, a nova loucura global das 19 horas. *Que Rei sou eu?* estréia dia 13 de fevereiro no melhor estilo *capa-e-espada* do século XVIII" (E, 29-01-89, cad. 2: 5, c. 1).

Desse modo, os substantivos *caça-fantasma* (verbo + substantivo) e *capa-e-espada* (substantivo + conjunção + substantivo) funcionam adjetivamente em contextos específicos, ao determinarem um substantivo.

Composição satírica

O mecanismo da composição, ao possibilitar a associação de bases providas dos mais variados matizes semânticos, ocasiona a criação de itens léxicos que procuram despertar a atenção do receptor. O estranhamento é provocado quer pela quantidade dos elementos compostos:

(24) "A indelicadeza de Darcy foi atenuada pelo *show* do candidato-deputado-cantor A. Timóteo, veterano dos palcos brasileiros, [...]" (E, 08-08-86: 5, c. 3);

(25) "O aparelho do Estado que a ditadura militar-tecnocrática-empresarial utilizou durante um quarto de século (aproximadamente) para controlar o Brasil [...]" (IE, 02-11-88: 103, c. 3);

quer pelo caráter incomum da associação:

(26) "Além da presença das estrelas, as coadjuvantes também se destacam: [...] Diane Wiest (atriz-fetiche de W. Allen, que trabalhou em seus últimos cinco filmes) [...]" (Gl, 10-12-88, 2º cad: 13, c. 2);

(27) "C. Furtado e J. Sayad não devem ter gostado de verse definidos como ministros-confeitos, destinados a enfeitar o bolo [do Ministério], [...]" (E, 28-02-86: 2, c. 3);

(28) "[...] Quércia, um dos tantos passageiros que o 'partido-ônibus' [PMDB] foi arrebanhando por onde passava, disputasse o Senado" (E, 28-01-86: 5, c. 2).

A criação neológica substantiva entre bases verbais tem também, por vezes, a intenção de provocar o riso e a ironia. Um exemplo, formado com as bases verbais *casar* e *descasar*:

(29) "Há correntes que tentarão eliminar o limite existente, pretendendo abrir o leque de alternativas, para a plena liberdade do casa-descasa" (F, 09-11-86: 16, c. 5).

Da mesma intenção satírica resultam as criações léxicas substantivas de que faz parte, como determinante, o elemento *móvel*, forma abreviada de *automóvel*. São empregadas por analogia com *papamóvel*, ou "automóvel papal", "veículo de que se serviu o papa João Paulo II durante sua visita ao Brasil". Dessa maneira, *Franco-móvel* consiste no "automóvel do político Franco Montoro" e *momóvel* o "veículo utilizado pelo Rei Momo por ocasião do carnaval":

(30) "Na terça-feira, dia 11, o 'Franco-móvel' fez sua primeira viagem a Joinville (SC), a 178 quilômetros de Florianópolis — São Paulo (SP)" (F, 14-06-85: 4, c. 3);

(31) "Antes da peregrinação pelo país, o Rei Momo vai receber os donativos para os desabrigados — num roteiro que inclui inclusive escolas de 1º grau — se apresentando até dia 28 com o momóvel (meio de transporte 'real' que não funciona na chuva)" (JB, 13-02-88, cad. cidade: 6, c. 1).

Também curiosas são as formações obtidas com a base não-autônoma *-ódromo*, freqüentes a partir da criação do *sambódromo*, o "lugar do desfile das escolas de samba no Rio de Janeiro".

Existem, assim, o *camelódromo*, "local onde os camelôs vendem seus produtos"; os *fumódromos*, "espaços reservados aos fumantes"; os *surfódromos*, "praias adequadas para a prática do surfe":

(32) "Se for eleito, promete construir mais 'brizolões' e implantar um camelódromo no Rio de Janeiro" (E, 08-08-86: 5, c. 3);

(33) "Os 'fumódromos', locais onde o ex-ministro R. Santos tentou confinar os fumantes, são hoje ignorados" (F, 06-12-88: 2, c. 4);
(34) "Capão da Canoa quer construir surfódromo" (E, 15-01-89: 9, c. 4),
que constituem unidades léxicas substantivas em que a base não-autônoma — *-ódromo* — é usada com freqüência na segunda posição e já começa a desempenhar função sufixal.

Convergência entre derivação e composição

O processo da composição subordinativa entre substantivos, a que já nos referimos, tem mostrado que um tipo de composição vem ocorrendo com bastante produtividade na imprensa contemporânea: um elemento substantivo, em função determinante, repete-se com tanta freqüência nessa segunda posição que seu emprego não mais é sentido como eventual, chegando a perder parte de seu significado e a adquirir valor sufixal.

Nos contextos
(35) "Co-produzido pela própria banda e amigos-chave, ele mostra uma banda que não se envergonha de amadurecer e que não pretende morrer, antes de ficar velha" (Gl, 13-11-88, 2º cad: 6, c. 5);
(36) "O juiz Wessel Human negou à defesa o direito de ouvir Manete, a testemunha-chave" (F,08-09-88: 11, c. 4);
(37) "O rosto, um ponto-alvo-chave, agora é untado com vaselina. As roupas dos treinos devem ser semelhantes às usadas nas lutas" (Ma, 25-06-88: 108, c. 3),
o substantivo determinante *chave* imprime às bases substantivas *amigo*, *testemunha* e sintagmática *ponto-alvo* o caráter de "superioridade", "primazia". Em outros termos, *amigo-chave*, por exemplo, constitui o "amigo mais importante".

O valor sufixal e recorrente da base determinante nem sempre implica a perda do significado original desse elemen-

to, pois, nos compostos com *símbolo*, em função determinante, observamos a manutenção do valor significativo desempenhado por essa base substantiva:

(38) "Cantando, dançando e agitando bandeiras amarelas, cor-símbolo da oposição, [...]" (F, 25-02-86: 18, c. 2);

(39) "A novidade está por conta do personagem-símbolo da campanha deste ano, o ursinho Sbryts, idealização da Provarejo, agência de publicidade da própria Mesbla" (E, 16-11-88: 26, c. 3);

(40) "Ataque cardíaco leva o poeta-símbolo da geração mimeógrafo" (subtít.) (IE, 06-01-88: 53, c. 1).

A intenção humorística é, em alguns casos, a causa dessa convergência entre derivação e composição.

A campanha das eleições diretas para presidente da República, em 1984, que suscitou a composição entre o adjetivo substantivado *diretas* e o advérbio *já*, tem gerado alguns neologismos substantivais em que o elemento *já*, repetitivo, está adquirindo valor sufixal e satírico:

(41) "A eleição direta era alguma coisa fora do controle dela, tão fora do controle que a Rede Globo, por exemplo, não dava a notícia da campanha das diretas-já" (IE, 04-01-89: 6, c. 2);

(42) "Diante disso, o pessoal da Capemi está exigindo: 'canonização-já'!" (E, 11-12-86: 3, c. 6);

(43) "E se depois de aprovada a eleição direta para presidente o PDS e os radicais começarem a campanha da renúncia-já?" (F, 04-05-85: 5, c. 4).

Composição entre bases não-autônomas

Ao contrário dos processos composicionais até agora descritos, a composição pode ocorrer entre bases não-autônomas ou entre uma base autônoma e uma não-independente, ou vice-versa. Geralmente originárias de fonte erudita, grega ou latina, as bases não-autônomas compõem itens léxicos característicos de vocabulários especializados:

(44) "Onicomicose (do grego *onico* — unha) é o nome dado à doença quando a última é a unha do pé ou da mão" (E, 22-01-89, supl. feminino: 11, c. 1);

(45) "Criador de uma ciência — a Tropicologia — as idéias de Freyre valeram fama internacional e, no Brasil, uma controversa legião de seguidores e opositores" (IE, 29-07-87: 38, c. 1).

Os exemplos citados, *onicomicose* e *tropicologia*, possuem bases não-autônomas, as de formação erudita (*onico* - e *-logia*), e independentes: *micose* e *trópico*. Tais compostos revelam a existência de uma relação de subordinação entre o membro determinante, o primeiro, e o determinado: *onicomicose* designa a "micose da unha" e *tropicologia* denomina o "tratado a respeito dos trópicos".

Composição sintagmática

Processa-se a composição sintagmática quando os membros integrantes de um segmento frasal encontram-se numa íntima relação sintática, tanto morfológica quanto semanticamente, de forma a constituírem uma única unidade léxica.

A composição sintagmática nominal caracteriza-se por determinar uma ordem constante a suas unidades formadoras: à base determinada segue-se a determinante, que pode ser introduzida por uma preposição. No interior do sintagma, os componentes do item léxico conservam as relações gramaticais características da classe a que pertencem.

Entre a unidade léxica constituída por composição propriamente dita e a formada por composição sintagmática existem diferenças: a ordem de apresentação da unidade sintagmática é sempre a do determinado seguido de determinante, o que nem sempre se verifica no elemento composto; além disso, o item léxico composto pode obedecer a regras próprias quanto à flexão de gênero e de número. Já

os membros integrantes do composto sintagmático conservam as peculiaridades flexionais de suas categorias de origem.

A unidade lexical sintagmática encontra-se ainda em vias de lexicalização. Por isso, não costuma ser unida por hífen. O item léxico composto, ao contrário, é geralmente transcrito com essa marca gráfica.

Na verdade, a tradição gramatical considera composta a unidade léxica cuja lexicalização não mais é posta em dúvida pelos falantes. Nesses casos, o hífen, ainda que arbitrário, ratifica o sentimento de lexicalização em relação ao elemento classificado como composto. Os lexicógrafos, de maneira implícita, manifestam essa diferença entre o composto, já fixo, e o sintagma, em transição, ao atribuírem entradas distintas para unidades compostas e subentradas para unidades sintagmáticas. Os compostos constituídos com *meio* — *meio-claro*, *meio-copeiro*, *meio-corpo*, *meio-couro*..., por exemplo, recebem diferentes entradas no *Novo Aurélio*, enquanto os sintagmas *meio ambiente*, *meio a meio*, *meio de comunicação* ... fazem parte, como subentradas, do verbete referente à entrada *meio* .

Uma formação sintagmática está se lexicalizando se não puder admitir a inserção de outro elemento, que implicaria a alteração semântica do conjunto. Assim, *produção independente* (cf. abaixo) possui um significado fixo e preciso, distinto do valor do segmento frasal "produção muito independente".

Outro critério, que também revela a lexicalização de um sintagma, supõe o caráter fixo de seus membros integrantes. O sintagma *produção independente* é formado pela junção de *produção* e de *independente*, elementos não substituíveis.

A esses dois critérios deve-se acrescentar a freqüência, ou seja, o item léxico sintagmático está se lexicalizando se, ao ser usado, mantiver a mesma apresentação formal e um significado constante.

As unidades lexicais sintagmáticas nominais são, em grande parte, constituídas unicamente por um determinado seguido de um determinante:

(1) "[...] em compensação, cada ministro dará o exemplo ao povo, contentando-se com a cesta básica de alimentos, e cancelando imediatamente qualquer mordomia" (IE, 02-11-88: 88, c. 3);

(2) "Mulheres optam pela 'produção independente'e têm filhos sozinhas" (tít.) (F, 09-10-88: 1);

(3) "Condomínio fechado com casas de alto padrão de frente para o mar" (E, 01-02-89: 21).

Na neologia sintagmática, o significado resulta em parte dos semas característicos dos elementos integrantes do sintagma e em parte de uma convenção já aceita pela comunidade lingüística: *cesta básica* constitui o "conjunto de alimentos indispensáveis para a manutenção de uma pequena família", *produção independente* nomeia a "criança cuja mãe não depende da assistência paterna", *condomínio fechado* implica um "conjunto de casas às quais não é permitido o acesso de estranhos".

Uma preposição pode servir de ligação entre um determinado e um determinante unidos sintagmaticamente: *farmácia de manipulação*, uma "farmácia que não apenas vende mas também prepara medicamentos", e *crimes de colarinho-branco*, designativo de "pessoas que usurpam o dinheiro público", constituem sintagmas cujos componentes apresentam-se unidos por uma preposição:

(4) "O que se tem visto é o emprego, até certo ponto exagerado, de soluções preparadas por farmácias de manipulação, geralmente vendidas sem prescrição médica" (Gl, 05-12-88: 4, c. 4);

(5) "A Câmara aprovou ontem a redação final do projeto de lei nº 273, que pune os crimes contra o sistema financeiro — os chamados crimes de colarinho-branco — enviando-o à apreciação do Senado Federal" (F, 17-05-85: 11, c. 3).

Em conjuntos sintagmáticos similares, nem sempre a preposição manifesta-se explicitamente entre o determinado e o determinante. Temos, dessa maneira, o *seguro-desemprego* e a *licença-paternidade*, sintagmas grafados com hífen e que consistem, na verdade, em um "seguro para desemprego" e em uma "licença para paternidade":

(6) "Em troca de uma trégua nos movimentos grevistas, o ministro acenava com a correção integral de salários, produtividade de até 5%, seguro-desemprego e outras vantagens" (Gl, 09-02-89: 2, c. 1);

(7) "A votação escolhida é a do primeiro turno da Constituinte, quando se criou o direito à licença-paternidade, gerando grande polêmica. Inicialmente estabelecida em oito dias, foi reduzida depois para cinco" (F, 11-09-88: 10, c. 2).

No sintagma *choque verão*, que denomina um "plano de estabilização econômica decretado pelo governo brasileiro no início de 1989", a preposição mantém-se também implícita:

(8) "O presidente do PMDB e da Câmara ressaltou sua colaboração na negociação do 'choque verão' e disse que ela foi fundamental para que o paciente 'desenganado' continuasse vivo" (F, 05-02-89: 5, c. 1).

Manifesta-se, no entanto, nitidamente em alguns contextos, nos quais seu emprego evidencia que a estrutura do sintagma apresenta uma preposição:

(9) "A demanda bem comportada viabiliza, politicamente, a maturação técnica do choque de verão" (Gl, 03-02-89: 25, c. 1).

Plano Verão, que também denomina o "mesmo plano de estabilização econômica", concorre claramente com *plano de verão*, conforme podemos observar no contexto seguinte:

(10) "Até ex-ministro tenta fugir do Plano de Verão (tít.). Ninguém foi demitido, ainda, mas os 90 mil servidores ameaçados pelo Plano Verão continuam assustados,

apesar de o governo ainda não ter definido de fato os critérios para as demissões'' (JB, 12-02-89: 1, c. 2).

Composição sintagmática nos vocábulos técnicos

Os itens léxicos sintagmáticos ocorrem com muita freqüência nos vocabulários técnicos. Resultam, nesses casos, de uma indecisão em relação à designação de uma nova noção. A denominação em forma de sintagma pode vir a ser substituída por uma única base ou o sintagma pode chegar a cristalizar-se e inserir-se no léxico da língua.

O vocabulário da economia, tomado para exemplificação, tem fornecido um grande número de unidades léxicas sintagmáticas já em fase de incorporação à língua portuguesa. Temos, desse modo, a *conta remunerada* que, ''devido à inflação brasileira, foi criada para permitir o pagamento de juros diários aos correntistas de um banco'':

(11) ''Para este dinheiro, há diversas opções de curto prazo, como as contas remuneradas, os fundos de curto prazo e os tradicionais *open market* e *over-night*'' (IE, 10-08-88: 64, c. 3);

o *pacto social*, ''resultante de um acordo, firmado no final de 1988, entre empresários, trabalhadores e dirigentes brasileiros como tentativa de contenção da inflação'':

(12) ''Esse acordo é tão inviável que não só impede a operacionalização dos efeitos operados sobre as contas externas como também impossibilita o sucesso do pacto social — afirma o Deputado L. Salomão (PDT - RJ), [...]'' (Gl, 27-11-88: 36. c. 3).

No vocabulário da informática, também são numerosos os neologismos sintagmáticos.

No contexto

(13) ''Esse distribuidor tem vários programas que estarão sendo apresentados pela primeira vez no Brasil. A nova versão da agenda eletrônica e processador de texto Sidekick Plus e a linguagem Turbo Prolog, para inteligência artificial, são algumas delas'' (F, 17-09-88: 1, c. 4),

são citados os itens lexicais sintagmáticos *agenda eletrônica*, *processador de texto* e *inteligência artificial*, que "se relacionam com programas computacionais".

A proibição, pelo governo brasileiro, da importação de tecnologia referente à informática ocasiona o emprego de outro sintagma neológico, *reserva de mercado*:

(14) "Algumas montadoras, há muitos anos, vêm acusando a reserva de mercado da informática de dificultar o desenvolvimento da tecnologia nessa área, ao criar entraves para a entrada de capitais de fora e para a importação de componentes e de tecnologia" (IE, 01-08-88: 57, c. 3, e 58, c. 1).

O vocabulário de uma tecnologia ou de uma ciência em formação condiciona o surgimento de unidades lexicais sintagmáticas em que se observa o empréstimo de termos de disciplinas conexas.

No vocabulário da ciência cósmica, citado a título de ilustração, emprega-se *ônibus espacial* e *estação orbital* para a denominação do "veículo que percorre o espaço e seu lugar de pouso espacial". Nesses sintagmas, o primeiro elemento, o substantivo determinado, é proveniente do vocabulário dos transportes terrestres, e o elemento determinante, referente ao domínio cósmico, é o que imprime um caráter específico ao sintagma:

(15) "A Nasa americana tem ônibus espaciais praticamente iguais, mas não dispõe de uma estação orbital permanente como a Mir nem de foguetes impulsores com a potência da Energia" (Gl, 16-11-88: 20, c. 5).

Sintagmas verbais, ainda que bem mais raros que os nominais, são criados e repetidos pela comunidade lingüística, de modo a tornarem-se unidades léxicas. *Ser de bom tamanho*, por exemplo, denomina "algo adequado a uma finalidade":

(16) "Sem dúvida o empate será de bom tamanho, que inclusive nos poderá colocar em boa posição na caminhada pela classificação" (F, 16-06-85: 28, c. 6).

Composição por siglas ou acronímica

Tipo especial de composição sintagmática, a formação de unidades neológicas por meio de siglas, ou acronímica, resulta da lei de economia discursiva. O sintagma é reduzido de modo a tornar-se mais simples e mais eficaz no processo da comunicação.

As formações acronímicas apresentam características variadas. De maneira mais freqüente, o neologismo é constituído pelas iniciais dos elementos componentes do sintagma:

(1) "O Exército Revolucionário do Povo (ERP), de orientação trotskista, foi uma das dezenas de grupos guerrilheiros surgidos na América Latina na década de 60 [...]" (E, 25-01-89: 7, c. 4).

Pode também decorrer da união de algumas sílabas do conjunto sintagmático, como no contexto abaixo:

(2) "[...] que podem ficar abaixo das do ano passado em números de veículos, mas devem superar 87 em termos de receita, segundo os dados da Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea)" (IE, 21-12-88: 59, c. 3),

que formam uma unidade léxica facilmente pronunciável.

As siglas não costumam ser ligadas por preposição. Esse fato ocorre, entretanto, com a designação do partido político brasileiro *Partido Comunista do Brasil* (*PC do B*), mas se explica pelo fato de a sigla, como o sintagma de que provém, necessitar ser diferençada de *PCB*, forma acronímica do *Partido Comunista Brasileiro*:

(3) "O ministro da Indústria e do Comércio, Roberto Cardoso Alves, disse ontem no Rio que o PT, o PCB e o PC do B não deveriam existir porque são partidos que não têm compromisso com a democracia" (F, 06-12-88: 7, c. 1).

O item léxico formado acronimicamente, que tem a função de permitir uma economia no ato da comunicação,

somente exerce tal papel se a sigla for interpretada pelos receptores. Por isso, o neologismo formado por sigla, ao ser empregado pela primeira vez, apresenta-se freqüentemente explicado por meio de todo o sintagma (4) ou de sua definição (5):

(4) "[...] o *lobby* fazendeiro, capitaneado pelo presidente da União Democrática Ruralista (UDR), Ronaldo Caiado, empurrou a Constituinte para o primeiro impasse na noite de quarta-feira, [...]" (IE, 11-05-88: 23, c. 1);

(5) "Depois disso deverá prevalecer a correção pelo IPC (índice que mede a inflação)" (Gl, 19-01-89: 23, c. 2 e 3).

Em seguida, passa a ser usado independentemente do sintagma que o originou:

(6) "As atividades 'extraclasse' são, muitas vezes, promovidas pela Associação de Pais e Mestres (APM) da escola. É importante que se observe, nessas ocasiões, se o mesmo passeio não está sendo cobrado duas vezes. A taxa da APM, paga no início do ano, destina-se também a essas excursões" (F, 16-10-88: 8, c. 4).

Essa explicação é necessária para a decodificação da sigla, exceto quando esta já é muito usada em vocabulários específicos, como as siglas dos partidos no vocabulário político:

(7) "No Recife, por exemplo, Joaquim Francisco, do PFL, assumiu a prefeitura anunciando em tom de denúncia que está recebendo uma dívida de 12 bilhões de cruzados de seu antecessor, Jarbas Vasconcelos, do PMDB" (Ve, 11-01-89: 37, c. 1).

As formações acronímicas distribuem-se entre os substantivos. Flexionam quanto ao gênero, que segue, em geral, o do primeiro elemento do sintagma:

(8) "'O Presidente me determinou e eu vou implantar as ZPEs', afirmou ontem Fernando Mesquita" (E, 11-10-88: 34, c. 5).

Neste exemplo de formação acronímica, o artigo feminino concorda com *zona*, substantivo feminino, o primeiro componente do grupo sintagmático.

Flexionam algumas vezes quanto ao número, como se observa nos contextos (8) e (9):

(9) "O Brasilinvest, ao contrário de muitas outras instituições fechadas pelo Banco Central, conseguiu resgatar com seus próprios recursos todos os Certificados de Depósito Bancário (CDBs) que emitiu" (IE, 01-06-88: 29, c. 2).

Em outras ocasiões, permanecem invariáveis quanto a essa categoria:

(10) "O novo ministro da Indústria e Comércio, Roberto Cardoso Alves, prometeu ao empresariado de São Paulo que as ZPE — Zonas de Processamento das Exportações —, aprovadas pelo seu antecessor Castelo Branco, ainda não são uma questão fechada" (IE, 24-08-88: 26, c. 1).

Derivados de siglas

Os neologismos formados pelo mecanismo da acronímia derivam novas unidades lexicais neológicas. Trata-se de um processo interessante, que revela que a sigla já se encontra no domínio popular.

Assim, de *OTN* (*Obrigações do Tesouro Nacional*) resultam os neologismos *otenização* (substantivo) e *otenizar* (verbo):

(11) "[...] a otenização que consiste em fixar os preços e contratos em OTN estabelecendo, na prática, uma nova moeda na economia" (JB, 14-02-88: 19, c. 5);

(12) "Otenizar o IPI é praticamente a única maneira de aumentar a arrecadação de impostos federais, [...]" (F, 26-10-88: 1, c. 1).

A partir de *URP* (*Unidade de Referência de Preços*), é criado o substantivo neológico *urpização*:

(13) "No início da tarde, a seção foi suspensa mas, à noite, 26 vereadores compareceram ao plenário para votar o que chamaram de '*urpização*' do IPTV, incluída no Código Tributário" (Gl, 01-12-88: 15, c. 2).

O neologismo acronímico pode ocasionar, ainda que raramente, dois derivados concorrentes. Os adeptos do *PFL* (*Partido da Frente Liberal*) são os *frentistas* (<base *Frente*) ou os *pefelistas* (<base *PFL*):

(14) "'Este é um assunto que será discutido no momento oportuno', disse o líder frentista" (F, 11-06-85: 4, c. 6);

(15) "O assassinato de J. V. de Santana, vice-prefeito de Tucano, a 256 quilômetros de Salvador, no dia 9, ainda mantém tenso o clima na pequena cidade de 35 mil habitantes. Pefelista, Santana foi morto apesar da proteção policial que lhe havia sido dada, [...]" (E, 19-02-89: 8, c. 4).

De maneira análoga, a ideologia pregada pelo partido é denominada *frentismo* ou *pefelismo*:

(16) "A sublegenda, [...] que o peemedebismo e o pefelismo vitoriosos se encarregam de manter, em benefício próprio, é responsável por isso" (F, 09-11-86: 2, c. 3);

(17) "Por que o governador L. Brizola, crítico do frentismo do PMDB e opositor do chaguismo e do governo federal, [...]" (F, 30-01-86: 2, c. 4).

5

Conversão

A conversão, também denominada derivação imprópria, designa um tipo de formação lexical pelo qual uma unidade léxica sofre alterações em sua distribuição sem que haja manifestação de mudanças formais.

Exemplos freqüentes são apresentados por adjetivos empregados substantivamente. No contexto seguinte, observa-se que o adjetivo participial *consorciado* desempenha função substantival:

(1) "Para o final de 89 deveremos dar um salto para dez milhões de novos consorciados" (F, 22-11-88: B-2, c. 3).

Num grupo sintagmático composto por substantivo e adjetivo, a conversão pode possibilitar a elipse do substantivo, pois o adjetivo, em papel substantival, assume toda a carga semântica do conjunto:

(2) "Rio prorroga ICMS dos semi-elaborados (tít.).
RIO - As secretarias da Fazenda do Rio e de Minas Gerais não vão cobrar ICMS sobre produtos semi-elaborados destinados à exportação, [...]" (E, 01-03-89: 26, c. 4).

Verificamos, nesse contexto, uma alternância entre o emprego adjetival de *semi-elaborados* — "produtos semi-elabora-

dos'' — e seu desempenho como substantivo: ''dos semi-elaborados''.

Outro tipo de conversão relativamente comum é representado pela substantivação de verbos. É o que se passa com o verbo *digladiar*, que, no contexto abaixo, funciona substantivamente:

(3) ''O já empoeirado digladiar entre distribuidores e locadores de vídeo vive mais um capítulo'' (E, 08-03-89, cad. 2: 4, c. 3).

Modalidades de conversão já foram expostas em outros capítulos: os prefixos *extra-*, *inter-*, *pós-*, *pré-*, *pró-* e *sem-*, antepostos a um substantivo, funcionam adjetivamente; prefixos — *hiper-*, *vice-*... — são substantivados; compostos formados por dois substantivos, por verbo e substantivo... exercem função adjetival; sintagmas emprestados do inglês são empregados adjetivamente...

Em todos os exemplos mencionados, o contexto em que se insere a unidade léxica é que nos permite observar o fenômeno da conversão.

6

Neologismos semânticos

Muitos neologismos são criados na língua portuguesa sem que se opere nenhuma mudança formal em unidades léxicas já existentes. Qualquer transformação semântica manifestada num item lexical ocasiona a criação de um novo elemento. Trata-se, nesses casos, do neologismo semântico ou conceptual.

A neologia semântica revela-se de diferentes maneiras. O neologismo semântico mais usual ocorre quando se verifica uma mudança no conjunto dos semas referentes a uma unidade léxica. Por meio dos processos estilísticos da metáfora, da metonímia, da sinédoque..., vários significados podem ser atribuídos a uma base formal e transformam-na em novos itens lexicais.

Nos contextos abaixo, o mecanismo da transposição metafórica é responsável pela criação dos neologismos semânticos *baixinho* e *piloto*:

(1) "Excitada como uma adolescente em véspera de férias, pela primeira vez Xuxa preparou um *réveillon* especial para sua turma de baixinhos" (Gl, 30-12-88, 2º cad.: 2, c. 3);

(2) "De acordo com o grau de desespero de quem contrata o 'piloto' (pessoa que faz prova por terceiros), o preço de uma prova chega a superar NCz$ 20,00" (F, 05-02-89: 8, c. 1).

Os contextos em que se inserem as unidades lexicais referidas nos mostram que o significado básico de *baixinho* ("pessoa muito baixa") e o de *piloto* ("pessoa que dirige um veículo") não é mantido. O sucesso alcançado pela apresentadora de televisão Xuxa entre as crianças, que ela denomina *baixinhos*, está difundindo o emprego desse novo significado da base mencionada. *Piloto*, como indica o contexto, expressa "alguém que presta um exame para outra pessoa".

Em *surfista ferroviário*, o determinante imprime a *surfista*, "praticante de um esporte aquático", o sema "praticante de um esporte sobre ferrovia":

(3) "A queda da rede de alta tensão na Estação de Nilópolis, provocando um atraso de 40 minutos nos trens da CBTU, e a interrupção da ligação entre a Central do Brasil e Japeri — causada pela morte de um *surfista ferroviário* — desencadearam uma série de depredações e quebra-quebras no fim da noite de anteontem" (Gl, 29-01-85: 26, c. 1).

Em *troça carnavalesca*, analogamente, a base *troça* e o determinante *carnavalesca* adquirem o valor semântico de "grupos carnavalescos improvisados, que desfilam por brincadeira":

(4) "Estas ['Barca Furada'...] e outras são troças carnavalescas (grupos improvisados de foliões), que animam os festejos de carnaval no melhor estilo olindense: [...]" (Gl, 02-02-89, cad. de turismo: 5, c. 1).

Note-se que, em tais casos, a criatividade lexical de caráter semântico produz também um novo sintagma neológico. Os segmentos frasais *surfista ferroviário* e *troça carnavalesca* desempenham função significativa em parte estabelecida pelos seus semas integrantes e em parte resultante de uma convenção, o que caracteriza toda unidade sintag-

mática neológica. Em toda criação sintagmática, portanto, está também implícita uma criação semântica.

Trem da alegria, sintagma resultante de uma formação similar à de *surfista ferroviário* e de *troça carnavalesca* (determinado mais determinante), apresenta peculiaridades interessantes. Difundido com o significado de "contratações de funcionários públicos de maneira irregular", a freqüência de seu emprego tem causado a criação analógica de unidades sintagmáticas em que a base determinada é modificada com finalidade satírica. Assim, além de *trem da alegria*, a imprensa contemporânea brasileira tem-nos oferecido *avião da alegria* e *caminhão da alegria*:

(5) "Assistente estava no 'trem da alegria' e não sabia" (tít.) (Gl, 10-02-89: 2, c. 3-5);

(6) "[...] Sarney ainda deixou Moscou levando, de quebra, um inesperado elogio de Gorbatchev ao único aspecto criticado de sua visita — o enorme número de pessoas integradas à comitiva presidencial no 'avião da alegria' " (Ve, 26-10-88: 66, c. 1);

(7) "O autor de Asafalança, para congelar mais ainda o rasga-seda, dirigiu-se ao criador do trio elétrico de forma exageradamente respeitosa, quando é tão comum o tratamento íntimo entre os componentes de cada 'caminhão da alegria'(como definiu Moraes Moreira) ao se cruzarem na praça" (T, 17-02-88: 5, c. 4).

Nesses sintagmas, o significado é distinto do observado em *trem da alegria*: *avião da alegria* denomina o "avião presidencial em que um grande número de pessoas viaja às expensas do governo brasileiro" e *caminhão da alegria* estabelece uma relação sinonímica com *trio elétrico*, "caminhão *de som* que anima o carnaval de rua baiano".

Nas unidades léxicas *aurélio* e *riocentro*, abaixo contextualizadas, observamos que a criação lexical é ocasionada por um processo de generalização, característico da figura retórica denominada sinédoque. *Aurélio*, nome do autor do *Novo dicionário da língua portuguesa*, nosso dicionário

mais usual, transforma-se em sinônimo de "dicionário". Já *riocentro*, denominação proveniente de Riocentro, no Rio de Janeiro, local em que houve um atentado a bomba nunca devidamente esclarecido pelo governo brasileiro, corresponde a "fatos policiais que não são solucionados":

(8) "K. Capek (pronuncia-se *tchá-pek*) nem precisaria ter escrito *A Guerra das Salamandras* para ver assegurada a sua sobrevida em todos os aurélios do mundo: [...]" (E, 18-09-88, cad. 2: 12, c. 1);

(9) "Pessoas que não se contentam com as primeiras versões sobre atentados a bombas, riocentros, compram a Folha" (IE, 19-10-88: 82).

Um outro tipo de neologismo semântico ocorre quando um termo, característico de um vocabulário, extrapola os limites desse vocabulário e passa a integrar outra terminologia ou a fazer parte da língua geral. Da mesma maneira, a passagem de um elemento da língua corrente para um vocabulário específico é igualmente possível.

Por meio desse processo, a unidade léxica *corpo-a-corpo*, freqüente no vocabulário esportivo, começa a integrar-se à língua geral para significar uma "discussão difícil e renhida":

(10) "E incluía, além de negócios, um intenso corpo-a-corpo com os parlamentares defensores dos cinco anos" (IE, 03-02-88: 31, c. 1).

Garimpagem, "atividade que consiste na exploração de metais e pedras preciosas", no contexto

(11) " 'Hoje eu tenho a certeza de guardar trabalhos de todos os fotógrafos importantes do século passado', afirma Terrez. 'A garimpagem das fotos, no entanto, reserva as maiores surpresas para seus autores' " (IE, 27-01-88: 16, c. 1)

denota "busca de elementos interessantes e preciosos" e começa a fazer parte do núcleo comum do léxico português.

Nos vocabulários giriáticos, criados com a intenção de dificultar a compreensão por parte daqueles que não integram um determinado grupo, a neologia é muito produtiva.

A gíria do *skate*, uma modalidade esportiva, apresenta várias unidades lexicais criadas pelo mecanismo da neologia semântica:

(12) "São os skatistas, em sua grande maioria paulistas, que no sábado e ontem tomaram conta do Posto 10, em Ipanema.
Arrepiar significa uma grande atuação. *Barato* é qualquer coisa boa, agradável; *Chibar* é se desequilibrar no final de uma manobra; *Candanga* é menina bonita; *Doideira* é o skatista sem técnica que insiste em manobrar; *Free style* é uma manobra; *Gralha* é quem fala bobagens; *Junkie* é o skatista ousado; *Mulafi* é fumar; *Overall* é o skatista que pratica as três modalidades do esporte; *Prego* é o skatista ruim; *Perversa* é menina feia; *Radical* é o maior elogio a uma manobra; *Street* é uma manobra básica; *Shit* é o ambiente com clima ruim, muito careta; *Tadahora* é ambiente bom e agradável; *Vertical* é a parede de 90º; e *Jeah* é o grito tribal" (Gl, 23-01-89: 5, c. 1).

Nesse miniglossário, os elementos de origem inglesa também passaram pelo mecanismo da transformação semântica.

Um outro exemplo, extraído da gíria dos bombeiros, mostra-nos que *embrulhado* expressa uma "pessoa comprimida em um lugar e impossibilitada de movimentar-se":

(13) "Após o desabamento, Marquinho, que estava no apartamento 201, ficou com uma laje imprensando sua cabeça, 'embrulhado', segundo o jargão dos bombeiros, em vários móveis, que prendiam a perna esquerda, [...]" (IE, 02-03-88: 16, c. 3).

A difusão do neologismo conceptual, fato que constitui uma prova de sua aceitação pela comunidade linguística, conduz à inserção da nova acepção nos dicionários. Por esse processo, ao significado básico de um item léxico vão-se acrescentando os que vierem a ser criados pelo processo da neologia semântica. Vejamos um exemplo, extraí-

do do *Novo Aurélio*: *Papagaio* = Designação comum a várias espécies de psitaciformes da família dos psitacídeos, especialmente do gênero *Amazona Less.*, com onze espécies brasileiras, as quais, por via de regra, imitam bem a voz humana; Pessoa que repete o que ouviu ou leu, sem compreender o sentido; Pessoa que fala muito; tagarela...''. De monossêmica, a unidade léxica torna-se polissêmica.

7

Outros processos

Outros processos, menos produtivos do que os já citados, contribuem também para o enriquecimento lexical da língua portuguesa: a truncação, a palavra-valise, a reduplicação e a derivação regressiva.

Truncação

A formação de palavras pelo processo da truncação constitui um tipo de abreviação em que uma parte da seqüência lexical, geralmente a final, é eliminada.

Euro, forma reduzida de *europeu*, revela-se como um elemento muito produtivo na imprensa contemporânea. Associa-se a bases substantivas (1 e 2) e adjetivas e distribui-se, de forma respectiva, entre substantivos e adjetivos:

(1) ''*O Banco Itaú breaks ice* (o Banco Itaú quebra o gelo) é o título da matéria em que o *Financial Times*, que pela pena do maior especialista do euromercado, P. Montagnon, explica o significado da emissão de 50 milhões de dólares em *commercial papers*'' (E, 11-07-86: 3, c. 1);

(2) "Com longos cabelos castanhos e cavanhaque, R. Branson dificilmente reflete a imagem de um bem-sucedido eurocapitalista" (Ve, 16-09-87: 51, c. 2).

A fecundidade de *euro* pode ser demonstrada pelo fato de esse elemento reduzido já estar provocando criações análogas, como *asia*, redução do adjetivo *asiático*:

(3) "Pela primeira vez a Ásia seria incluída num acordo de desarmamento [...]. São os asiamísseis, prolongamentos dos euromísseis" (F, 23-09-86: 10, c. 6).

Os colunistas sociais, que primam pelo emprego de expressões apelativas e inusitadas em suas páginas de jornal, utilizam criações léxicas como *coq*, *niver* e *su*, as respectivas formas reduzidas dos substantivos *coquetel*, *aniversário* e *sucesso*:

(4) "*Emb. Yeda Assunpção* recebe para 'coq' de retribuição dia 15 [...] Evelina Chamma fecha o Lapèyre para almoço dia 21, niver da *Moema* que chega from NY [...]" (Gl, 10-12-88, 2º cad.: 9, c. 6);

(5) "O grande luxo italiano, no entanto, é bem brasileiro: em todas as grandes casas de decoração, o grande *su* são os granitos brasileiros, a US$ 500 o metro quadrado, [...]" (Gl, 13-11-88, 2º cad.: 2, c. 2).

Palavra-valise

Por meio do processo denominado palavra-valise, em que também se manifesta um tipo de redução, duas bases — ou apenas uma delas — são privadas de parte de seus elementos para constituírem um novo item léxico: uma perde sua parte final e outra, sua parte inicial. Esse mecanismo tem recebido outras designações: cruzamento vocabular, palavra *portmanteau*, contaminação...

Assim, da fusão das bases substantivais *brasileiro* e *paraguaio* resulta o neologismo substantival *brasiguaio*:

(1) "os 'brasiguaios', como são chamados os brasileiros que retornaram do Paraguai atraídos pela reforma agrária" (E, 12-04-86: 2, c. 2).

Em outro contexto, o item léxico substantival *cantriz* expressa a "junção, num único artista, das qualidades próprias às atrizes e às cantoras":

(2) "'Descobri que mexer com música faz um bem danado', define a atriz, que interpreta Cazuza, Chico Buarque, Marina e também C. Gardel e C. Miranda. No show, ela não esquece os números de platéia.'Ainda sou uma atriz' justifica a versátil e bela 'cantriz' " (IE, 02-03-88: 60, c. 1).

A sátira e a ironia, que podem ser suscitadas pelo encontro inusitado entre certos elementos, condicionam a criação de *novelha*. Trata-se de um adjetivo proveniente da fusão dos adjetivos *novo* e *velha*, que foi criado com o "intuito de indicar que a Nova República brasileira já nasceu velha, ou seja, eivada dos vícios do passado":

(3) "A. Moreira Lima encarna uma espécie de mito brasileiro (atualíssimo, aliás, neste período de Novelha República) [...]" (F, 24-04-85: 53, c. 1).

O caráter irônico revela-se em outra unidade léxica, *showmício*, que possui distribuição substantival da mesma maneira que suas bases originárias *show* e *comício*:

(4) "[...] quando serão distribuídas milhares de flores para a população e 'showmícios' em regiões carentes como a Baixada Fluminense e a zona oeste da capital" (F, 02-11-86: 14, c. 4).

Reduplicação

Pouco produtiva no português contemporâneo, a reduplicação refere-se a um recurso morfológico em que uma

mesma base é repetida duas ou mais vezes a fim de constituir um novo item léxico, geralmente pitoresco, por causa do inusitado procedimento de formação.

Trança-trança, unidade léxica que se distribui entre os substantivos, tem como origem a repetição de uma base verbal denotativa de "andar para diversos lados". A repetição dessa base, em função substantival, implica uma "sucessão de viagens":

(1) "O trança-trança pelo bloco asiático está a mil no início da era. Heisei Shervadnaze, o homem das extremas de Gorba, esteve lá há poucos dias" (F, 21-02-89: E-10, c. 1).

Derivação regressiva

Ocorre o fenômeno da derivação regressiva quando a criação de uma nova unidade léxica deve-se à supressão de um elemento, considerado de caráter sufixal.

Em português, grande parte dos casos de derivação regressiva é constituída pelos substantivos deverbais, resultantes da substantivação de suas respectivas formas verbais e formados pelo acréscimo das vogais *-a*, *-e* e *-o* ao radical do verbo. Um exemplo é *amasso*, forma substantiva relativa ao verbo *amassar*:

(1) " — É que quando ele me viu dando uns amassos em alguém, contou que sabe massagear os pés com perfeição, que é um tremendo especialista" (Gl, 16-03-89, 2º cad.: 10, c. 1).

8

Neologismos por empréstimo

Todos os processos neológicos até agora descritos utilizam-se de bases da língua portuguesa. O léxico de um idioma, entretanto, não se amplia exclusivamente por meio do acervo já existente: os contatos entre as comunidades lingüísticas refletem-se lexicalmente e constituem uma forma de desenvolvimento do conjunto lexical de uma língua.

A neologia por empréstimo manifesta-se em diferentes níveis.

Estrangeirismo

Numa primeira etapa, o elemento estrangeiro, empregado em outro sistema lingüístico, é sentido como externo ao vernáculo dessa língua. É então denominado estrangeirismo, ou seja, ainda não faz parte do acervo lexical do idioma.

O estrangeirismo costuma ser empregado em contextos relativos a uma cultura alienígena, externa à da língua enfo-

cada. Nesses casos, imprime à mensagem a "cor local" do país ou da região estrangeira a que ele faz referência.

Em conseqüência do efeito estilístico pela busca de cor local, itens léxicos de diferentes idiomas são empregados na imprensa brasileira. Assim, o relato da doença do imperador japonês determina a alusão a unidades lexicais da língua japonesa:

(1) "Ele usa folhagens benzidas, 'himologhi'. 'Através da folhagem nossas preces vão ser levadas para o Japão onde está Hiroíto', disse Hamada" (F, 08-01-89: A-13, c. 3 e 4).

Neste outro contexto, *jamonaria*, de origem espanhola, reflete um "tipo de loja característico da Espanha":

(2) "Agradável aos olhos, Madri também pode ser extremamente agradável ao estômago. Desde uma tarde numa jamonaria — onde se passa horas degustando presuntos, azeitonas e salames acompanhados por vinho ou cerveja — as opções são as mais variadas para todos os gostos e bolsos" (Gl, 01-12-88, cad. de turismo: 10, c. 6).

O estrangeirismo é facilmente encontrado em vocabulários técnicos — esportes, economia, informática... — como também em outros tipos de linguagens especiais: publicidade e colunismo social.

O vocabulário esportivo das corridas automobilísticas de Fórmula I, citado a título de exemplo, recebe vários anglicismos. Entre eles, *pole-position*, a "primeira posição no momento da partida", e *flying lap*, uma "volta rápida":

(3) "Ayrton Senna foi o pole-position pela 13ª vez em uma temporada de 16 corridas. Ele conquistou esse direito ao superar seu companheiro de equipe, A. Prost, por 132 milésimos de segundo. Faltavam dois minutos para o final da última sessão classificatória para o

GP australiano quando Ayrton fez a sua *flying lap* (volta rápida)'' (F, 13-11-88: D-2, c. 1).

A terminologia econômica recebe bastante influência inglesa, como veremos a seguir:

(4) ''Nos últimos capítulos da novela *Vale tudo*, donas-de-casa e leigos em todo o País acompanharam, passo a passo, o golpe tramado contra a TCA pelo ardiloso Marco Aurélio (R. Farias), através de uma operação de *leasing* (contrato de locação de equipamentos, com prazos estipulados), desvendada por William, o regenerador. No caso, M. Aurélio contratava ilicitamente aviões para a empresa. Eis aí um exemplo de como, via economês, mais uma expressão emprestada do inglês passa a freqüentar as conversas mais banais na vida real. Mas qualquer um que não seja do ramo ainda deve se intrigar diante do discurso de um *expert*. Sem nenhum *know-how* no *ranking* do *over*, *overnight*, dólar no *black*; sem entender de *joint-ventures*, *merchandising* ou *marketing* é provável que fique totalmente *out*'' (E, 17-01-89, cad. 2: 14, c. 1).

A causa do emprego de tantos elementos ingleses, alguns dos quais — *know-how*, *joint-ventures*, *leasing*, *merchandising*, *over* e *overnight* — já dicionarizados no *Novo Aurélio*, é comentada pelo autor do trecho acima, que continua:

(5) ''Não há dúvida de que essa dependência da língua inglesa, quase crônica no meio financeiro, reflete proporcionalmente a dependência econômica do Brasil em relação à meca do capitalismo monopolista, o que não é desculpa para alguns, como o dicionarista Antônio Houaiss. Para ele, mais que um modismo, trata-se de uma 'subserviência mental dos economistas, derivada da extrema ignorância que têm da língua portuguesa'. Noventa por cento dessas palavras e conceitos pode-

riam ser substituídos por termos adequados em português" (*idem*, c. 1 e 2).

Na linguagem publicitária de jornais e revistas, estrangeirismos são freqüentemente citados em propagandas referentes a produtos importados: aparelhos de som, de videocassete... Em anúncios que apresentam artigos não-técnicos, o estrangeirismo pode ser motivado por uma razão apelativa, característica do estilo publicitário:

(6) "Dioressence. Le parfum 'barbare' de Christian Dior. Parfum — eau de toilette — eau moussaint [...]" (De, 10-82: 323).

Ao elaborar esse anúncio, totalmente escrito em francês, o publicitário deve supor que o leitor da revista em que é veiculado possa traduzi-lo e interpretá-lo. Em caso contrário, essa propaganda não produziria efeito.

É também a tentativa de apelo que torna a linguagem dos colunistas sociais tão eivada de estrangeirismos:

(7) "O novo Cônsul do Líbano, o *bachelor* F. El-Khoury, fez seu *début* no Rio abrindo a residência da Dona Mariana para coquetel em homenagem a Dom Jorge Scandar, Bispo maronita da cidade libanesa de Zahle" (Gl, 20-11-88, 2º cad.: 2, c. 1 e 2).

Nessa página de coluna social, são mencionados estrangeirismos pertencentes a dois sistemas lingüísticos: ao inglês, *bachelor* (solteiro), e ao francês, *début* (começo).

Essas duas línguas, as que mais têm emprestado elementos léxicos ao português contemporâneo, concorrem curiosamente em um mesmo número da revista Manchete. O inglês *promoter* e o francês *promoteur* equivalem ao vernáculo "organizador" e, no veículo mencionado, alternam-se em diferentes contextos relativos a eventos sociais:

(8) "Terezinha Sodré foi madrinha da Maratona Che-Guei e Jane di Castro a *promoter* do agito" (Ma, 18-02-89: 82);

(9) "O *promoteur* G. Araújo é mais ferino: 'As feijoadas atraem mais paulistas, mineiros, gaúchos e goianos do que o antigo *Caju*, algo tipicamente carioca'" (*idem*: 94).

Tradução do estrangeirismo

Ao empregar um estrangeirismo, o emissor é muitas vezes consciente de que ele poderá não ser interpretado pelos receptores do texto. Por essa razão, em muitos contextos a unidade léxica estrangeira é seguida de tradução (10) ou até mesmo de uma definição do seu significado (11):

(10) "Na Argentina, o Partido Blanco de los Jubilados cresce rapidamente, enquanto nos Estados Unidos o chamado *gray power* — o poder grisalho — assusta todos os candidatos à presidência nas eleições de novembro" (IE, 27-01-88: 28, c. 1);

(11) "Predominam (no Marrocos) as *djelabas*, que é uma espécie de bata da cabeça aos pés, com ou sem capuz, usada por cima da roupa por homens e mulheres ao sair à rua" (E, 16-06-85: 90, c. 5).

A evocação de uma outra cultura, por meio da busca do item léxico preciso, faz com que a forma portuguesa seja traduzida pelo elemento estrangeiro correspondente:

(12) "Um jato de carga da Ethyopian Airlines fretado pela Organização das Nações Unidas (ONU), procedente de Quetta, no Taquistão, aterrissou ontem às 14h (locais) no aeroporto de Cabul [...] enquanto tropas do Governo combatiam rebeldes muçulmanos (*mujahedines*) ao longo da estratégica Estrada de Salang, [...]" (Gl, 11-02-89: 14, c. 2);

(13) "A OLP sabe que seu Estado não existe, que Israel continuará reprimindo a rebelião palestina (*intifada*) e

que mesmo grupos palestinos não apoiarão a 'independência' '' (E, 16-11-88: 15, c. 2).

A tradução do estrangeirismo pode acontecer sob forma de alternância, em que ora é empregada a unidade lexical estrangeira, ora a tradução portuguesa. Por esse procedimento, o inglês *fiberglass* concorre com seu equivalente português "fibra de vidro":

(14) "Fiberglass de Dudi Maria Rosa (tít.). Este é um trabalho feito em poliéster com fibra de vidro por Dudi M. Rosa, que faz parte da exposição do artista [...]" (F, 01-10-85: 31, c. 5 e 6).

Integração do neologismo por empréstimo

Enquanto estrangeirismo, o elemento externo ao vernáculo de uma língua não faz parte do conjunto lexical desse idioma.

A fase propriamente neológica do item léxico estrangeiro ocorre quando está se integrando à língua receptora, integração essa que pode manifestar-se através de adaptação gráfica, morfológica ou semântica.

A incorporação ortográfica da unidade lexical estrangeira ao sistema português não constitui uma regra. Muitos empréstimos já assimilados — *abajur*, *xampu* — revelam tal adaptação, porém observa-se, com certa freqüência, que a forma gráfica integrada ao português chega a concorrer com o elemento grafado de acordo com a língua de origem.

Exemplo interessante é oferecido pelas grafias *tournée*, forma francesa, e *turnê*, integrada ortograficamente ao português. Ambas são dicionarizadas pelo *Novo Aurélio* e empregadas lado a lado, no mesmo periódico:

(15) "A David Parsons Company realiza *tournée* brasileira, numa promoção do *Globo* e com o patrocínio da Golden Cross" (Gl, 16-11-88, 2º cad.: 3, c. 1);

(16) "A primeira equipe soviética de ginástica olímpica em sua turnê pelo Brasil" (*idem*: 5, c. 2 e 3).

Morfossintaticamente, a integração à língua portuguesa manifesta-se nos casos em que o estrangeirismo começa a formar derivados e compostos.

A utilização desse mecanismo permite que o adjetivo inglês *new* – "novo" – se associe à base substantival portuguesa *jeca* e dessa união surge o substantivo composto português *new-jeca*:

(17) "Um dos 'new-jecas' é o engenheiro L. C. Camarin, 29, que trocou o emprego no metrô da capital por uma construtora em Rio Preto" (F, 07-12-86: 10, c. 5).

Em outro contexto, *new* já é utilizado sob forma integrada à ortografia do português:

(18) "Para não parecer muito 'quadradão' [...], o 'Orest-estilo' pode adquirir um *marketing* mais atualizado, autodefinindo-se como 'neo-caipira' ou 'niu-jeca' " (F, 02-11-86: 10, c. 1).

Processo curioso constitui a adaptação semântica do estrangeirismo a outro idioma. Introduzido nesse sistema lingüístico com um único significado, ou seja, com caráter monossêmico, seu emprego constante pode conduzi-lo à polissemia.

A imprensa tem-nos oferecido vários exemplos dessa espécie de integração:

(19) "Um *tonton-macoute* do governador?!?" (tít.) (E, 19-02-88: 3, c. 1-4);

(20) "Sem nunca desligar seu radar detector de pesos-pesados, Piná — a *skin-head* do samba — caiu na gandaia [...]" (F, 07-02-89: E-2, c. 2 e 3);

(21) "De cada dez empresas classificadas no *ranking* das maiores e melhores do Brasil, oito trabalham com o Multiplic" (Ve, 12-10-88: 129).

Os neologismos *tonton-macoute* ("ex-membro da polícia política do Haiti"), *skin-head* ("integrante de uma associa-

ção de jovens que usam as cabeças raspadas") e *ranking* ("posição de um atleta num esporte"), introduzidos na língua portuguesa com os significados mencionados, já denotam outros valores semânticos e tornaram-se, conseqüentemente, polissêmicos. Nos contextos referidos, expressam um "policial político", uma "integrante do samba que usa a cabeça raspada" e uma "posição nos negócios".

O emprego freqüente de um estrangeirismo constitui também um critério para que essa forma estrangeira seja considerada parte componente do acervo lexical português. *Jeans*, unidade lexical tão usada contemporaneamente, parece-nos já adaptada à língua portuguesa e manifesta-se, por isso, como um empréstimo ao nosso idioma:

(22) "Sob o jeans surrado ou o austero *tailleur* se esconde o puro luxo da mais sofisticada *lingerie*" (Gl, 11-02-89: 4, c. 1).

O mesmo se pode afirmar de *glasnost* e *perestroika*, de origem russa, símbolos da abertura política efetuada pelo líder soviético M. Gorbatchev. *Glasnost* denota "transparência, abertura" e *perestroika* significa "reconstrução":

(23) "Se a *glasnost* e a *perestroika* hoje correm o mundo e provocam tempestades no Leste e no Ocidente, não é só por obra e graça de Mikhail Gorbatchev" (E, 22-02-89: 8, c. 1).

Decalque

Outro modo de integração de uma formação estrangeira a um outro sistema lingüístico é representado pelo decalque, de difícil reconhecimento, pois consiste na versão literal do item léxico estrangeiro para a língua receptora. O sintagma *alta tecnologia*, decalcado no inglês *high technology*, constitui um exemplo dessa espécie de adaptação:

(24) "A alta tecnologia fica por conta da produção, caríssima, enquanto o *script* e seu valor mental situam-se na Idade da Pedra" (IE, 25-07-87: 31, c. 1).

A unidade lexical decalcada costuma rivalizar com a expressão que lhe deu origem. Assim, *alta tecnologia* concorre com *high technology* ou *high tech*, forma reduzida desse sintagma inglês:

(25) "'Tron', um velho herói *high-tech*" (tít.) (E, 15-02-85, cad. 2: 5).

Aspectos morfossintáticos dos neologismos por empréstimo

Classe gramatical

Da mesma maneira que em outros sistemas lingüísticos, os neologismos por empréstimo recebidos pelo português distribuem-se sobretudo entre a classe substantival e, mais raramente, entre adjetivos e verbos.

A base emprestada, em geral, mantém a classe gramatical da língua de que provém. Em certas ocasiões sofre alterações em sua categoria de origem, tal como se pode verificar em relação aos sintagmas ingleses *high tech* e *hot stamping*, que nos contextos (25) e (26) desempenham função adjetival:

(26) "Agora, por exemplo, os painéis frontais receberam novo *design* pelo processo *hot stamping*" (Ma, 25-12-76: 73, c. 1).

O inglês *must*, forma verbal auxiliar, está se generalizando nesse idioma com emprego substantival. Em português, a mesma função nominal é observada, a fim de expressar uma "nova moda", "algo novo e bom":

(27) "Para clicar anônimos baianos vestindo o *must* de Yamamoto, foi escalada a fotógrafa francesa M. Barras" (F, 08-11-88: E-2, c. 2).

Gênero e número

Em relação à categoria do gênero, a unidade léxica recebida por empréstimo tende a flexionar-se de acordo com o gênero do idioma doador. Ocorre esta flexão com o estrangeirismo espanhol *recuerdo*, citado a título de exemplo:

(28) "[...] da mesma forma que camisetas atraem o público mais simples só por causa daquelas palavras 'em estrangeiro' impressas na frente ou no verso — a turma pré-Mobral com um *recuerdo* de uma *university* qualquer" (IE, 21-12-89: 92, c. 3, e 93, c. 1).

Nos casos em que o elemento estrangeiro provém de idiomas em que não há flexão em gênero, como o inglês, o item lexical emprestado costuma adotar o gênero masculino, o não-marcado: no *ranking* (29). Pode também ocorrer a flexão de gênero com o equivalente português da unidade léxica emprestada: uma *university* = universidade (28); a *trading* = negociação (29):

(29) "No ano passado, foi Luciana quem trouxe de Cuba uma contraproposta que pode gerar bons negócios para a *trading* do grupo, a primeira no *ranking* das *tradings* privadas do País" (IE, 01-08-88: 39, c. 2).

Os estrangeirismos da imprensa brasileira seguem, em geral, a flexão de número da língua de que procedem. Já os empréstimos adaptados ao português tendem a flexionar-se, quanto a essa categoria, de acordo com as regras da morfologia portuguesa.

No exemplo a seguir, o estrangeirismo inglês *businessmen* flexiona em número segundo o modelo gramatical desse idioma:

(30) "Na curta viagem que fará a Londres com o Governador Moreira, o Secretário de Planejamento, V. Cabral, vai tentar buscar capital junto aos *businessmen* ingleses para concretizar negócios [...]" (Gl, 02-02-89, 2º cad.: 2, c. 1 e 2).

De maneira similar, o estrangeirismo italiano *gentiluomini* apresenta-se conforme a morfologia italiana:

(31) "O presidente Sarney passou diante dos guardas suíços, alabardas de prontidão, encontrando na sua frente uma quinzena de senhores de fraque e condecorações: são os *gentiluomini* de Sua Santidade" (E, 11-04-86: 5, c. 1).

9

Sentimento de neologia

Ao criar um neologismo o emissor tem, muitas vezes, plena consciência de que está inovando, gerando novas unidades léxicas, quer pelos processos de formação vernaculares, quer pelo emprego de estrangeirismos.

Essa sensação de neologia traduz-se graficamente por processos visuais como aspas (1), maiúsculas e itálico (2), que visam a realçar o resultado da criatividade lexical:

(1) "Desenvolve-se nos bastidores políticos desde uns quinze dias atrás uma nova ciência, um tanto surrealista, que poderia ser batizada com o nome de 'janiologia' " (E, 12-04-86: 3, c. 4);

(2) "O resultado dessa prosperidade - alquebrada pelo crash de outubro passado - foi o surgimento de uma nova camada social, os *yuppies* — termo resumido de *young urban professional* — que mudou o padrão de consumo nos Estados Unidos" (IE, 09-03-88: 10, c. 1).

Em relação ao elemento estrangeiro, sua tradução expressa também um indício de que o emissor está cônscio do caráter neológico dessa forma não-vernácula (cf. cap. 8).

A metalinguagem constitui outra manifestação da sensação de novidade provocada pelo emprego de uma criação

neológica. Como que se desculpando, o autor do texto introduz formas metalingüísticas do tipo "chamados", "ditos", que refletem claramente seu sentimento de inovação lexical:

(3) "Agora, uma espécie de revolução está começando a vingar — lançando mão de arrojados investimentos e dos chamados *take overs*, operações pelas quais o controle acionário de uma empresa troca de mãos através das bolsas de valores, uma nova casta de industriais, financistas e empreendedores está revigorando o mundo dos negócios europeus. São os chamados 'eurocapitalistas', [...]" (Ve, 16-09-87: 48, c. 2 e 3);

(4) "Pelas contas da Brascan/Matarazzo, o Shopping Água Branca já vendeu 34 100 metros quadrados para as chamadas lojas-âncora" (F, 29-11-88: B-2, c. 2).

Inserção do neologismo no dicionário

Não basta a criação do neologismo para que ele se torne membro integrante do acervo lexical de uma língua. É, na verdade, a comunidade lingüística, pelo uso do elemento neológico ou pela sua não-difusão, que decide sobre a integração dessa nova formação ao idioma.

Por isso não podemos, *a priori*, identificar as criações léxicas que chegarão a anexar-se ao código de uma língua, pois fatores extralingüísticos, como tendências políticas, econômicas, culturais... interferem freqüentemente e ajudam a determinar a possibilidade de integração de unidades léxicas.

Se bastante freqüente, o neologismo é inserido em obras lexicográficas e considerado parte integrante do sistema lingüístico. Sabemos, entretanto, que os lexicógrafos agem muitas vezes arbitrariamente, ou seja, unidades léxicas muito usadas são esquecidas e outras, pouco difundidas, chegam a fazer parte dos dicionários.

É o que comenta o cronista Fernando Sabino em sua coluna "Dito e Feito":

"Em compensação outro velho amigo, desta vez o P. Gomes, me telefona para falar também sobre palavras:
— Existe a palavra iniciante?
— Claro que existe.
— Então olha se tem no dicionário.
Olho no 'Aurélio'. Não tem.
— Existe telefonista? — insiste ele.
— Já vem você. Vai me dizer que não tem.
— Então olha.
Não tem. Que diabo de brincadeira é essa? Coisas do P. Gomes, que só ele descobre. Com essa me deixou meio desbundado.
Olho se tem o verbo desbundar. Tem" (F, 15-05-85: 10, c. 3-6).

Este fato é verificado em trabalhos lexicográficos não baseados em *corpora* sistemáticos e representativos de uma língua. Tais dicionários ainda representam, mesmo nos dias atuais, a maioria das obras lexicográficas existentes, não apenas em português, como também em outros idiomas.

No entanto, apesar das arbitrariedades manifestadas pelos dicionários, eles simbolizam o parâmetro, o meio pelo qual decidimos se um item léxico pertence ou não ao acervo lexical de uma língua. Quanto ao português brasileiro, o dicionário que nos tem servido de padrão é o *Novo dicionário da língua portuguesa*, de A. B. de Holanda Ferreira, que também constitui o modelo em que nos baseamos neste trabalho. Se está no *Aurélio*, como é comumente denominado nosso mais usado dicionário, a unidade lexical já é considerada integrada à língua portuguesa falada no Brasil.

10

Considerações finais

Procuramos revelar, ao longo deste trabalho, os processos neológicos pelos quais o português brasileiro aumenta o seu acervo lexical. Na verdade, os mecanismos de produtividade léxica usados contemporaneamente são os mesmos que serviram para o desenvolvimento da língua portuguesa no decorrer do tempo: recursos autóctones, sobretudo a derivação e a composição, como também os recebidos de outros sistemas lingüísticos, os empréstimos.

A unidade lexical neológica pode ser criada por razões estilísticas e, nesse caso, contribui para causar efeitos intencionais — estranhamento, ironia, cor local... — em uma mensagem. Além do efeito estilístico, o item léxico recém-criado denomina também novas realidades e novos conceitos. Por isso, é tão freqüente nas terminologias científicas e técnicas, em que a designação do termo é posterior à criação do conceito ou do objeto.

Todos os lexicólogos que estudam as línguas faladas nos países desenvolvidos e em desenvolvimento afirmam unanimemente que a neologia lexical é mais abundante nas línguas técnicas do que na língua geral. Esse fato não é fortuito: conceitos técnicos e científicos não cessam de serem

criados e têm necessidade de serem nomeados. Pudemos verificar, por meio dos periódicos e das revistas que nos forneceram exemplos de formações neológicas, que a maior parte dos neologismos coletados pertence a um vocabulário técnico ou científico. Assim, podemos concluir que, no português contemporâneo falado no Brasil, as terminologias científicas e técnicas constituem a maior fonte de criatividade léxica.

O estudo da neologia lexical de uma língua permite-nos analisar a evolução da sociedade que dela se utiliza, pois as transformações sociais e culturais refletem-se nitidamente no acervo léxico dessa comunidade. Por isso, o estudo sistemático da neologia no português brasileiro é, sob a perspectiva lingüística, a análise dos processos de formação de novas palavras; do ponto de vista extralingüístico, constitui o estudo da evolução da sociedade brasileira.

11

Vocabulário crítico

Afixo: forma que se associa a uma base ou um radical com o objetivo de provocar uma alteração significativa ou funcional nesses elementos.

Base: palavra que constitui o núcleo para a formação de uma nova unidade léxica. Não se confunde com *raiz*, elemento que consiste numa unidade mínima de significação desprovida de marcas gramaticais e afixais, embora, em alguns casos, possa haver correspondência entre as duas formas. O conceito de *radical* refere-se a uma das realizações concretas que a raiz pode assumir.

Corpus (plural *corpora*): conjunto organizado de dados que servem de fundamento para uma descrição. Um *corpus* dificilmente poderá ser considerado exaustivo, mas deve, entretanto, ser representativo dos fatos descritos.

Determinado: elemento nuclear numa formação sintagmática ou composta.

Determinante: membro constituinte de uma formação sintagmática ou composta que depende do elemento determinado.

Distribuição: soma de todos os contextos em que uma unidade léxica pode figurar. Se dois itens lexicais aparecem

nos mesmos contextos, pode-se afirmar que possuem a mesma distribuição.

Item lexical ou *léxico*: unidade do léxico constituída por uma ou mais formas gráficas correspondentes a um único significado. O mesmo que *unidade léxica* ou *lexical* (cf. *palavra*).

Lexicalização: mecanismo segundo o qual uma seqüência sintagmática é sentida como uma única unidade lexical. Em outra acepção, consiste no processo pelo qual um conceito adquire estatuto lexical, isto é, torna-se um item léxico.

Léxico: conjunto estruturado de todas as unidades léxicas de uma língua que são utilizadas numa mesma sincronia.

Lexicografia: domínio da lexicologia que tem por objetivo a organização e a análise dos dicionários. A confecção de dicionários constitui o domínio da *dicionarística*, cujos métodos baseiam-se nos princípios da lexicologia e da lexicografia.

Lexicologia: ciência que tem por objeto o estudo do léxico.

Morfema: menor elemento significativo de uma palavra, incapaz de ser dividido em unidades menores.

Morfologia: descrição da estrutura interna das unidades lexicais.

Morfossintaxe: estudo da estrutura interior dos itens léxicos e da combinação desses elementos em sintagmas e frases.

Palavra: noção vaga, que geralmente nomeia as unidades da escrita. Neste trabalho, empregada como equivalente de *item léxico* e de *unidade lexical*.

Sema: no âmbito da análise sêmica, constitui um dos traços de significação, não-autônomo, que integra um conjunto semântico ou semema.

Significante: parte material, fonológica, de uma unidade léxica. Opõe-se ao *significado*, conteúdo ou valor semântico desse item lexical.

Tema: radical acrescido de uma vogal temática, a qual caracteriza morfologicamente um conjunto de palavras pertencentes ao mesmo grupo nominal ou verbal.

Terminologia: conjunto organizado de unidades léxicas relativas a uma ciência ou a uma técnica. Denota também a ciência da terminologia, domínio que trata das noções ou conceitos e de suas representações, os termos.

Termo: item léxico que integra o conjunto estruturado de uma terminologia.

Unidade léxica ou *lexical*: o mesmo que *item lexical* ou *léxico*.

Vocabulário: parte organizada do léxico, susceptível de inventário e de descrição.

Vocábulo: unidade léxica pertencente a um determinado vocabulário.

12

Bibliografia comentada

Os estudos referentes à neologia lexical desenvolveram-se sobretudo a partir dos trabalhos realizados por Louis Guilbert sobre a língua francesa.

GUILBERT, Louis. *La formation du vocabulaire de l'aviation*. Paris, Larousse, 1965.

——. *Le vocabulaire de l'astronautique*. Rouen, Publications de l'Université de Rouen, 1967.

Nesses trabalhos, o autor descreve duas terminologias em formação: a da aviação e a das ciências cósmicas.

——. *La créativité lexicale*. Paris, Larousse, 1975.

Obra teórica que sintetiza a reflexão desse lingüista sobre a neologia lexical.

Os princípios teóricos preconizados por L. Guilbert têm servido de base para vários estudos a respeito dos neologismos nas línguas românicas e deles também nos servimos para a estruturação teórica exposta neste trabalho.

No que diz respeito à análise neológica em língua portuguesa, ainda escassa, os trabalhos apresentam um caráter teórico ou, baseados em *corpora*, aliam a teoria à observação prática.

Trabalhos teóricos

BARBOSA, Maria Aparecida. *Léxico, produção e criatividade*; processos do neologismo. São Paulo, Global, 1981.
Estudo da criação neológica e de sua tipologia segundo a perspectiva lexical de várias teorias lingüísticas.

CARVALHO, Nelly. *O que é neologismo*. São Paulo, Brasiliense, 1984.
Trabalho que mostra, de forma didática, as características do neologismo e a tipologia neológica.

Alguns trabalhos práticos

CARVALHO, Nelly. *Linguagem jornalística*; aspectos inovadores. Recife, Secretaria da Educação de Pernambuco/Associação de Imprensa de Pernambuco, 1983.
Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação do Mestrado em Letras e Lingüística da UFPE, tem como *corpus* os diários recifenses *Jornal do Commercio*, *Diário de Pernambuco* e *Diário da Noite*, que foram analisados durante os meses de julho e agosto de 1981. Descreve os processos neológicos apresentados na imprensa pernambucana, ao mesmo tempo que revela os mais produtivos mecanismos de inovação lexical.

PEREIRA, Rony Farto. *Neologismos na mensagem publicitária*. Dissertação de Mestrado apresentada ao curso de Pós-Graduação em Letras e Filologia Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras de Assis (UNESP), 1983.
Trabalho baseado em *corpus* constituído pelas mensagens publicitárias publicadas nas revistas *Isto É* e *Veja* durante o ano de 1981, apresenta uma descrição dos neologismos registrados, como também procura analisar a função exercida por esses elementos nos anúncios em que se inserem.

SANDMANN, Antonio José. *Formação de palavras no português brasileiro contemporâneo*. Curitiba, Sciencia e Labor/Ícone, 1988.
Tradução de tese de doutoramento apresentada em alemão na Universidade de Colônia, República Federal da Alemanha, o trabalho analisa os neologismos registrados em quarenta e dois jornais do Rio de Janeiro e de São Paulo durante o ano de 1984. Além da descrição neológica, o estudo retrata uma reflexão sobre a formação de palavras em português.

Estudos sobre teoria lexical

BASÍLIO, Margarida. *Teoria lexical*. São Paulo, Ática, 1987.
Análise das principais questões referentes à teoria do léxico e dos mecanismos que presidem à formação de palavras, neológicas ou já atestadas, em português.

BIDERMAN, M. Tereza. *Teoria lingüística*; lingüística quantitativa e computacional. Rio de Janeiro, LTC, 1978.
Trabalho dividido em três partes. Na primeira, estuda a teoria lexical segundo uma perspectiva quantitativa. Na segunda, "Fundamentos da lexicologia", apresenta o conceito de palavra e um estudo sobre a neologia lexical. A terceira parte é dedicada às classes de palavras.